

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Camila Totino Paulucci Porto

**MOVIMENTAR O QUADRIL: REFLEXÕES SOBRE DANÇA,
EMPODERAMENTO FEMININO E FEMINISMOS A PARTIR DO
TRABALHO DE LARA BARCELOS**

Belo Horizonte
2022

Camila Totino Paulucci Porto

**MOVIMENTAR O QUADRIL: REFLEXÕES SOBRE DANÇA,
EMPODERAMENTO FEMININO E FEMINISMOS A PARTIR DO
TRABALHO DE LARA BARCELOS**

Pesquisa apresentada ao Departamento de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Carla Andrea Silva Lima

Belo Horizonte
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO

“MOVIMENTAR O QUADRIL: REFLEXÕES SOBRE DANÇA, EMPODERAMENTO FEMININO E FEMINISMOS A PARTIR DO TRABALHO DE LARA BARCELOS ”

CAMILA TOTINO PAULUCCI PORTO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Graduação em Dança, como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Dança, aprovada em 16/12/ 2022 pela banca constituída pelos membros:

Orientador(a): Carla Andrea Silva Lima

Examinador(a): Arnaldo Leite de Alvarenga



Documento assinado eletronicamente por **Carla Andrea Silva Lima, Professora do Magistério Superior**, em 31/01/2023, às 18:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Arnaldo Leite de Alvarenga, Professor do Magistério Superior**, em 01/02/2023, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2053537** e o código CRC **E2926D8D**.

Referência: Processo nº 23072.275210/2022-25

SEI nº 2053537

Dedico essa pesquisa à todas as mulheres que à sua maneira anseiam por expressar seus corpos no mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Carla Andrea Lima, que com sua orientação tornou o processo mais leve e encorajador. Agradeço por não medir esforços para que este trabalho viesse ao mundo. Agradeço a generosidade e singularidade.

Agradeço à Lara Barcelos pela disponibilidade e abertura para ter seu trabalho como objeto de estudo desta pesquisa. Muito obrigada por todas as trocas e por seguir contribuindo para um mundo mais empoderado.

Agradeço ao meu padrasto, Michel Martins Vilela (Michel Shumi), que faleceu em 08 de fevereiro de 2021, aos 39 anos e que foi grande apoiador dos meus estudos em arte, viagens, sonhos e mais.

Agradeço a minha mãe, Anapaula Totino Paulucci que com seu espírito sonhador sempre acreditou que seria possível alcançarmos o que quiséssemos. Seu incentivo, apoio, carinho e praticidade fizeram toda a diferença. Amo você.

Agradeço ao meu pai, Edmundo de Araújo Porto, que sendo umas das pessoas mais criativas e dinâmicas que conheço e que, mesmo sem saber, me conduziu à paixão pela arte, movimento e habilidades de venda e atuação no meu trabalho.

Agradeço ao meu irmão, Gabriel Totino que, por ser além de irmão, tornou-se meu melhor amigo e apoiador em todas as horas. E ao meu irmão, Frederico Porto, pelas risadas.

Agradeço aos meus bisavôs, Hécio Totino e Daniel Ribeiro, e as minhas bisavós, Maria Célia Brandão e Helena Ribeiro. Às minhas avós, Ana Célia Totino, Maria Lazarini, Maria Gripina e Márcia Martins. Eu honro vocês por todo amor e sabedoria que me passaram. E ao meu avô, Paulo Paulucci, pelos ensinamentos sobre liberdade e ao meu avô, Hélio Vilela, pelo carinho.

Agradeço às minhas tias Andrea Paulucci e Raphaella Paulucci. Às minhas primas, Luísa Doné, Viviane Totino, Raissa Bretas, por todo amor, apoio, amizade, verdade e conexão compartilhada a todo instante da minha vida. Agradeço à minha tia, Renata Porto, por

nunca soltar as minhas mãos, me proporcionando todo apoio possível, com muito amor, para que eu pudesse seguir e chegar até aqui.

Agradeço ao meu parceiro e amigo Vinícius Rocha, por todo amor compartilhado, por nosso caminho espiritual juntos que me auxiliou no caminho da escrita paciente e amorosa comigo mesma.

Agradeço imensamente ao meu grande amigo e colega de profissão Gabriel Sung por fazer parte de cada respiro e movimento deste processo, sendo desafiador ou alegre. Agradeço as minhas amigas Brenda Andrade, Raissa Mendes, Letícia Lopes, Mariângela Diório, Michelle Cristina, Michelle Aragão, Rafaela Santos, Rafaela Costa, Helen Ribeiro, Marina Kemp, Camila Rocha, Juliana Valiente, Débora Costa, Vitória Pagotto, Fabiana Martins, Talita Santos, Fernanda Andrade. Aos meus amigos Yuri Vieira, Alexandre Pires, Paulo Fróis e Roni Coelho. E a todas as pessoas que são muito importantes para mim, embora não caibam aqui todos os nomes.

Agradeço à Arnaldo Alvarenga, Gabriela Christófaró, Paulo Baeta, Raquel Pires e Graziella Andrade. Meus professores (as) queridos (as) que mudaram a minha vida através de suas aulas instigantes e potentes sobre o Corpo. E a todos os professores e professoras, amigos e amigas que passaram na minha vida acadêmica.

Às minhas companheiras de trabalho e amigas Priscilla Patta, Anna Paula Santos, Danielle Lage, Priscilla Rangel, Talita Menezes, Luiza Machado, Luiza Mansur, Roberta Bastos, Izabela Miranda e Victoria Monteiro. Agradeço ao meu primeiro professor de dança e parceiro Victor Cathedral que me mostrou muito da cultura brasileira e me fez viajar pelo universo do Forró e do Samba de uma maneira muito peculiar. E meus colegas de profissão, amigos e parceiros Marcus Lobo, Bruno de Jesus, Alexandre Sanna e Samuel Samways. Ao meu grande amigo e colega de profissão Samuel Carvalho. E à Valeska Maia, uma das mulheres e educadoras mais incríveis que já conheci, por todas as trocas, identificações, apoio e feminismos.

Agradeço infinitamente às minhas alunas e alunos que tornaram possível a existência da minha docência e por todas as trocas enriquecedoras.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo tratar das possíveis relações entre dança, empoderamento feminino e feminismos com base no trabalho da artista professora e educadora em dança Lara Barcelos sobre movimentação pélvica. Tendo como aparato teórico os conceitos de empoderamento e questões concernentes à teoria feminista buscamos tecer reflexões com intuito de problematizar essas questões no escopo dos processos formativos em dança.

Palavras-chave: Dança; Empoderamento; Feminismo; Pelve; Sexualidade.

ABSTRACT

This research aims to consider the possible relation between dance, female empowerment and feminisms based on Lara Barcelos's work, an artist, dancer and teacher of pelvic moves. Having as theoretical resources concepts of empowerment and feminist's issues, we seek to weave reflections in order to problematize these issues in the scope of formative processes in dance.

Keywords: Dance; Empowerment; Feminism; Pelvis; Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1. CORPO, EMPODERAMENTO E SUBVERSÃO

- 1.1. Empoderamento: o que é?.....14
1.2. O feminismo, o corpo das mulheres e seus atravessamentos.....17

CAPÍTULO 2. CORPO, REPRESSÃO E PELVE: TECENDO REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO COMO HORIZONTE PROBLEMATIZADOR DO CORPO QUE DANÇA.....20

- 2.1. Uma reflexão sobre a docilização dos corpos femininos e sua reverberação nos processos formativos em dança.....23

CAPÍTULO 3. POSSÍVEIS RELAÇÕES DO TRABALHO DE LARA BARCELOS COM O EMPODERAMENTO FEMININO E FEMINISMOS.....28

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....34

APÊNDICE

- Entrevista de Lara Barcelos.....35

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....58

INTRODUÇÃO

Quando entrei na licenciatura em dança da UFMG, no segundo semestre do ano de 2015, tinha pouca experiência na área de dança. Durante a terceira série do ensino médio, em 2014, comecei a frequentar os forrós de Belo Horizonte onde conheci Victor Cathedral, que se tornaria meu professor e parceiro de forró e samba durante três anos. Nesse mesmo ano, descobri a existência do Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Minas Gerais. Com base no meu interesse em começar essa graduação, fui orientada e encaminhada pela minha professora de educação física, que era também bailarina e coreógrafa, Fabrícia Minelli, a ingressar no Grupo Guararás – Grupo de Pesquisa e Projeções Folclóricas¹. Neste grupo, dancei por 6 meses e tive a oportunidade de me apresentar em alguns teatros de Belo Horizonte. Sobre a experiência no Guararás, cabe salientar que ela foi crucial para minha entrada no curso. Em primeiro lugar, por ela ter sido fundamental no desenvolvimento técnico da minha dança e em segundo lugar, por me fazer perceber que eu queria mais da dança além da execução e reprodução de movimentos propostos. A partir desse aprendizado, passei a almejar experiências que me fizessem pensar, refletir, entender, questionar e estudar a dança mais profundamente. Entendi, neste processo, que o Curso de Graduação em Dança seria a melhor opção para o que eu buscava.

Encerrado meu ciclo no Guararás, investi energia na universidade e continuei minhas buscas nas Danças de Salão. Em 2018, comecei a trabalhar com Marcus Lobo – professor e artista da Dança dos Famosos², como sua parceira de dança e como professora, ministrando workshops em algumas cidades do Brasil e fazendo apresentações em eventos diversos, dentre eles, shows com o ballet do Sidney Magal.

Durante todo o percurso da faculdade, atrelado às experiências externas ao ambiente acadêmico, ampliei minhas perspectivas na dança e na vida. Revi conceitos de mundo, ressignifiquei o que eu entendia por dança, movimento e corpo por meio das

¹ O Guararás é um grupo de pesquisa e projeção folclórica criado há 20 anos pelo professor Dr. Carlos Moreira na cidade de Belo Horizonte/MG. É um grupo voluntário, sem fins lucrativos que busca levar para a comunidade a cultura brasileira por meio das suas manifestações; onde o povo expressa sua identidade e mostra seu entendimento sobre o mundo que o cerca, obstinando sempre em suas pesquisas e montagens cênicas ser fiel às tradições e suas matrizes brasileiras. Disponível em: <https://grupoguararasmg.wixsite.com/grupoguararas/o-guarar%C3%A1s>. Acesso em: 17 de jan. 2022.

² Competição é uma das atrações mais populares da TV brasileira, por reunir celebridades, música e, claro, muitos estilos de dança. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/danca-dos-famosos>. Acesso em: 03 de fev. 2022.

experiências e reflexões propostas pelos professores e professoras, tanto nas aulas teóricas quanto nas aulas práticas. Esse processo de resignificação se deu pelo fato de sempre sermos convidados a refletir sobre a história do corpo e refletir amiúde sobre como executamos os nossos movimentos e organizamos o nosso corpo para além da reprodução de movimentos. Também éramos constantemente convidados a refletir sobre as didáticas com as quais tivemos contato nos ambientes de dança livre que frequentávamos. Em grande parte do curso os debates eram incentivados junto à proposição de discussões sobre nossas experiências antes, durante e depois das aulas, tanto como alunos quanto como professores, tendo em vista que a maioria de nós já dava aulas de dança, paralelamente à formação na universidade. Era um ambiente de partilha e acolhimento dos nossos processos como professores, artistas e pesquisadores.

Particularmente mobilizada pelas aulas de consciência corporal, eu ficava horas pesquisando os meus movimentos cotidianos, como sentar-me, limpar a casa, a forma como dormia, como o meu corpo estava enquanto eu comia e assim por diante. Me dediquei à pesquisa das diferentes formas com a qual eu me relacionava com meu corpo e passei a entender que o corpo que dançava era o mesmo que sentia, vivia, falava e intervia no mundo de uma maneira geral. Me libertei de muitos tabus sociais por meio do estudo desses movimentos e passei então a desejar que as pessoas também conseguissem se observar e autoconhecer.

Essa experiência me levou a pesquisar de forma interessada o corpo como uma unidade psicofísica, trazendo para os meus trabalhos uma perspectiva de corpo integral – entendido aqui como experiências que buscam pensar e experienciar físico, mental e emocional de forma articulada e enodada. O fato de estar conhecendo meu corpo mais a fundo, por meio de meus processos de pesquisa, assim como das práticas empreendidas durante minha formação na universidade, despertou em mim o desejo de que todas as pessoas pudessem também conhecer seus corpos sentindo-se livres para os utilizar da maneira como quisessem.

Acho que esse desejo se alicerçava no fato de que essas pessoas pudessem experimentar algo parecido com a liberdade que eu sentira ao experienciar esses processos com o meu corpo. Desse modo, elas poderiam, se assim fosse também seu desejo e sua busca, se libertar, inclusive, de possíveis dores que as acometessem, por meio

de um uso do corpo menos restritivo. A educação somática³, dessa maneira, foi presença fundamental no modo como busquei e apreendi a dança.

As aulas práticas e teóricas me deram suporte e a segurança de que eu poderia contribuir para que as pessoas conhecessem melhor seus corpos a partir da vivência consciente dos movimentos nas aulas de dança. Passei a me sentir apta a conduzir processos de autoconhecimento corporal a partir da dança.

Paralelamente ao meu percurso na universidade, comecei a me inserir no universo da economia solidária entre mulheres, que incluía estudos e práticas rituais em roda de mulheres. Comecei então a frequentar retiros que tinham como intuito o despertar da sexualidade feminina com estudos em tantra em comunidades tântricas femininas, estudos de alimentação para mulheres relacionadas ao ciclo menstrual e tudo mais que envolvia o autoconhecimento vinculado ao estudo do feminino.

Já tendo quase concluído a maior parte do curso, viajei para Lisboa e pude perceber, no contexto de meu trabalho (que no momento do intercâmbio não era em dança), principalmente por parte das mulheres lisboetas, que o corpo feminino brasileiro era tido como padrão de beleza e que o gênero musical *funk* com sua dança, vistos por elas em cliques, eram uma referência que simbolizava mulheres poderosas. A soltura dos nossos corpos, o rebolado, a sensualidade, nosso jeito de ser era considerado por elas como uma forma de empoderamento.

Tal acontecimento me levou a refletir sobre a ação de rebolar e sobre o quanto ela está vinculada a um tipo de mulher assim como a um tipo de corpo. Sabemos que, em determinados contextos sociais, rebolar não é permitido, não é bem-visto ou bem-quisto. Comumentemente o corpo feminino é alvo de uma gama diversificada de dispositivos de controle de modo a atender determinado ideal de feminilidade que abranda determinados impulsos de modo a mantê-lo quieto e pacífico. Existe um ambiente específico em que se pode fazer isto, ou aquilo. De modo que decidi, nesta pesquisa, por a trabalho as relações entre dança, empoderamento feminino e feminismos a partir do trabalho de Lara Barcelos.

³ A educação somática é um campo teórico e prático que se interessa pela consciência do corpo e seu movimento. Muito embora o campo exista há mais de um século na Europa e na América do Norte, a denominação “educação somática” foi criada em 1995 pelos membros do Regroupement pour l’Éducation Somatique (RES)² em Montreal, no Canadá. Sob a denominação de educação somática regroupam-se diferentes métodos educacionais de conscientização corporal dentre os quais se destacam: Técnica de Alexander, Feldenkrais, Antiginástica, Eutonia, Ginástica Holística, etc. Não nos deteremos a detalhar cada um dos métodos, mas focalizaremos o que é comum entre eles: o conceito de *corpo enquanto experiência*, de onde se originam os aspectos pedagógicos da educação somática. (BOLSANELLO, 2005, p. 100)

Percebo que foi a junção das vivências e experiências mencionadas que me tornaram uma artista da dança que discute, também no âmbito da sexualidade, a dança como um dos instrumentos dos direitos da mulher, associada à liberdade de expressão “via” corpo.

O fato de ter contato com mulheres que trabalham com áreas diversas, todas envolvidas com o feminismo, me fez, durante o período da pandemia, principalmente em 2021, receber alguns convites para ministrar palestras e aulas de práticas corporais que estimulassem o que se passou a entender como práticas de empoderamento dos corpos femininos. Dentre esses convites, teve um, em especial, que era para ministrar uma aula sobre movimentos pélvicos para a “Jornada Vagina Mente Coração”, criada pela educadora sexual, psicóloga e *influencer* Michelle Aragão⁴.

Esta aula foi intitulada por mim como “Desabrochando pelve e coração” e tinha como objetivo proporcionar às mulheres os benefícios de mover a região da pelve, articulando essa proposta aos estudos que eu vinha realizando sobre o despertar dos femininos e aos meus conhecimentos de consciência corporal adquiridos durante meu percurso na universidade.

Cabe salientar, no contexto desse trabalho de conclusão de curso (TCC) que a palavra feminismos, no plural, foi uma escolha e é adotada em função da forma como percebo esse movimento das mulheres que, mesmo imbuído de questões que dizem respeito à todas, ainda assim, interage e questiona à sua maneira, com tempos e espaços distintos e singulares, assim como com corporeidades distintas e singulares, por sua vez vinculadas e articuladas a esses tempos e espaços. Tiburi (2018), sobre a noção de feminismo/feminismos, afirma que:

[...] não é errado dizer que o feminismo de cada uma entra em jogo com os feminismos possíveis das outras mulheres, os feminismos preexistentes e que se recriam, se replicam, redefinem tempos e espaços e, ao mesmo tempo, relacionam-se ao “feminismo” em um sentido genérico. Este termo, quando usado no singular, não deve nos remeter a uma unidade, ela mesma uma categoria patriarcal, mas, antes, nos levar a pensar em termos de construção do “comum” e da presença da singularidade (TIBURI, 2019, p. 42 e 43).

A partir desta aula ministrada por mim, surgiu o interesse das participantes em continuar o trabalho com a pelve. Ficamos juntas por mais uns quatro meses. Baseada

⁴ Psicóloga, atualmente, cursando pós-graduação em sexualidade humana. Realiza trabalho psicoterapêutico integrativo com mulheres, com foco na sexualidade feminina. Instagram: @yoni.alquimica . Fonte: Biografia enviada à pesquisadora pela própria Michelle Aragão.

nesse espaço aberto por minha atuação como artista da dança e professora desejei, no escopo desse TCC, compreender melhor os diferentes entrecruzamentos que se colocam em articulação com esse tema que tanto me interessa buscando indagar sobre as articulações entre Dança, feminismo, empoderamento feminino e movimento de quadril.

Para tanto, adotou-se como base teórica os trabalhos de Joice Berth e Márcia Tiburi como referenciais para abarcar a noção de feminismo e de empoderamento, e de Isabelle Launay, mais especificamente seu artigo “O dom do gesto”, para subsidiar a problematização e articulação dessas reflexões com os processos criativos e formativos em dança.

Cabe a este estudo o tripé dança, sexualidade e feminismos, recortados pela perspectiva do empoderamento, para que possamos, dentro dos estudos da dança, a partir do trabalho de Lara Barcelos e minhas próprias reflexões, compreender como, e se a dança pode contribuir para corpos mais empoderados a partir do movimento pélvico.

A escolha do trabalho de Lara Barcelos como objeto de estudo desta pesquisa se deve ao fato de toda a sua metodologia, escolhas didáticas e estéticas serem atreladas ao feminismo que são demonstrados essencialmente através da característica peculiar com a qual organiza suas ações criativas e formativas atrelada à luta pelos direitos das mulheres. Lara opta em seu trabalho por explorar performances em que o quadril fica escancarado nas câmeras, enfatizando o caráter subversivo e enigmático dessa ação e que perpassa todo o seu trabalho conduzindo as mulheres a reflexões de como lidar com seus corpos. Seu trabalho engloba ainda reflexões e demonstra disponibilidade em colaborar com o empoderamento das mulheres que vivem atravessadas por um contexto de opressão diante da sociedade patriarcal e machista que ainda segue beneficiando os homens.

Metodologicamente este estudo foi desenvolvido com base no referencial bibliográfico e na realização de entrevista estruturada. Caracterizou-se como uma pesquisa de cunho exploratório posto que envolveu “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (Selltiz et ai., 1967, p. 63, *apud* GIL, 2002, p. 41). Este resultado também possui cunho qualitativo tendo em vista que “a pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno” [...] (POLIT, BECKER E HUNGLER, *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 33).

No primeiro capítulo discorro sobre a origem e significado da palavra empoderamento, a partir de Joice Berth, associando-a às questões de gênero tal como a teoria feminista a aborda, que se pauta pela busca por direitos e igualdade social. Apoiada em algumas reflexões impetradas por Márcia Tiburi perpasso, de forma breve, pelos movimentos feministas liberais em contraposição ao marxista interseccional, apresentando suas características e objetivos e relacionando-os com a noção de empoderamento feminino. Por fim, pondero sobre as implicações que essa estrutura machista, capitalista e patriarcal tem na constituição de uma microfísica de poder sobre os corpos femininos.

No segundo capítulo, através de exemplos práticos conjuntamente à proposição de uma articulação teórica baseada nas noções e conceitos apresentados no primeiro capítulo, busco problematizar o atravessamento violento dos corpos femininos pelo sistema vigente me interrogando sobre a face cínica do machismo, os padrões de beleza, e a sexualidade incompreendida e limitada por tal. Reflito sobre a maneira como essa face cínica do machismo e sua estrutura de poder acaba por reverberar nos processos formativos em dança, posto que nossos corpos e sexualidade se encontram enredados por essa estrutura. Para a construção dessa reflexão, me baseio no trabalho de Lara Barcelos tendo como foco sua abordagem que se particulariza pela busca por uma autopercepção que focaliza a sexualidade e movimentos da pelve. Seu trabalho se funda numa característica subversiva e no questionamento da padronização dos corpos femininos inquirindo sobre possíveis ressignificações do movimento pélvico para a construção de um espaço de invenção para os corpos femininos, com mais liberdade e direitos, e para seu horizonte movente.

No terceiro capítulo discorro sobre as possíveis relações entre dança, empoderamento feminino e feminismos a partir do trabalho de Lara Barcelos tendo como base o trabalho da artista articulado a algumas reflexões tecidas por Isabelle Launay, em seu texto “O dom do gesto” acerca da noção de inteligência movente em relação à corporeidade dançante nos contextos de formação em dança. A Análise de Conteúdo⁵ foi o caminho escolhido para reflexão e análise da entrevista.

⁵ A AC trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos”. Existem dois tipos de textos que podem ser trabalhados pela AC: os textos produzidos em pesquisa, através das transcrições de entrevista e dos protocolos de observação, e os textos já existentes, produzidos para outros fins, como textos de jornais. (CAREGNATO, 2006, p. 683).

Nas considerações finais, apresento um resumo das principais compreensões e entrecruzamentos entre o trabalho em dança de Lara Barcelos com as noções de empoderamento feminino e feminismos.

CAPÍTULO 1. DANÇA, EMPODERAMENTO E SUBVERSÃO

1.1 Empoderamento: O que é?

Na busca pela compreensão da palavra empoderamento em seu sentido político, subjetivo e coletivo, Joice Berth⁶, afirma que:

[...]o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários (BERTH, 2019, p.18).

Sob tal perspectiva, a noção de empoderamento vincula-se a autonomia, a diversidade e a singularidade em seus processos e não à sujeição. A escolha de abordar e refletir sobre a noção de empoderamento se assenta sobre o desejo de compreender as possíveis relações deste conceito com a dança e o movimento pélvico. O foco será no empoderamento atrelado à questão do gênero feminino. Vale ressaltar, desde o início, no tocante à questão de gênero ser patriarcal, que se mantém até hoje, e que acaba por definir aquilo que é feminino e o que é masculino, bem como excluir outras possibilidades de criação e invenção. Essa questão será problematizada aqui como impulso para que possamos nos debruçar sobre as desigualdades de acesso para as mulheres, devido aos entraves criados pelo patriarcado e que acabam por impossibilitar uma vida mais saudável, prazerosa e autônoma para elas. Segundo Marcia Tiburi (2018):

Gênero é um termo utilizado para analisar os papéis “masculino” e “feminino” que se tornaram hegemônicos. A aparência de homem e mulher está profundamente ligada a regras de comportamento. Somos controlados social e domesticamente desde que fomos “generificados”, como afirma Judith Butler (TIBURI, 2018, p. 28).

Nós, mulheres, tal como salienta Tiburi (2018), muitas vezes nos encontramos submetidas e imersas em uma estrutura que serve e que beneficia “homens brancos”, sendo estes “[..] apenas uma metáfora do poder, do sujeito do privilégio, da figura autoritária alicerçada no acobertamento das relações que envolvem os aspectos de gênero e raça, sexo e classe, idade e corporeidade” (TIBURI, 2018, p. 41).

⁶ Joice Berth é arquiteta, urbanista, pesquisadora sobre direito à cidade com recorte de gênero e raça e assessora parlamentar.

Sabemos que as ideias feministas surgem, desde o século XIV, em diferentes proporções e intensidades. Cabe ressaltar, contudo, que nessa época os movimentos ainda não eram nomeados como feministas não obstante o fato de já existirem revoltas e lutas por parte das mulheres em decorrência de não possuírem os mesmos acessos que os homens, uma vez que eram consideradas “naturalmente” inferiores.

A noção de empoderamento, mais notadamente a de empoderamento feminino, são nomenclaturas ainda mais recentes e que têm ganhado força se abrindo a constantes distorções. Entretanto, em entrevista realizada com Lara Barcelos, a artista relata sua satisfação com o excesso de uso do termo, ainda que, muitas das vezes, este venha esvaziado do sentido político pelo qual foi criado afirmando que: “[...] eu acho que é uma palavra já muito gasta, mas que bom, por pior que seja ela ter sido gasta, que bom que é a palavra empoderamento” (informação verbal).⁷ Batliwala (2017), por outro lado, tece uma reflexão crítica desse movimento de excesso de uso da noção de empoderamento com risco de seu esvaziamento e distorção ao afirmar que:

De todas as palavras-chave que entraram no léxico do desenvolvimento nos últimos trinta anos, o “empoderamento” é provavelmente o mais usado e abusado. Como muitos outros termos importantes que foram inventados para representar um conceito político claro, ele foi “incorporado” de uma forma que praticamente o roubou de seu significado original e valor estratégico (BATLIWALA, 2017, *apud* BERTH, 2019, p. 30).

Segundo as ideias presentes no livro de Berth (2019), a palavra empoderamento vem sendo muitas vezes usada na contemporaneidade restrita a uma dimensão apenas estética e relacionada a autoestima do que ao seu próprio sentido político. A autora apresenta uma visão crítica a esse esvaziamento pelo qual a palavra empoderamento tem passado na sociedade neoliberal destacando esse movimento de restringi-lo somente à questão da autoestima. Em seu livro “Empoderamento” ela pontua que, assim como o feminismo, a noção de empoderamento está atrelada a emancipação de sujeitos desfavorecidos, neles contidos as mulheres, em seus aspectos econômico, intelectual e social.

Para Berth (2019), a palavra empoderamento “é um neologismo [...], ou seja, um fenômeno linguístico que cria uma palavra ou uma expressão, ou ainda, atribui um novo sentido a uma palavra já existente” (BERTH, 2019, p. 29). Trata-se de uma palavra que se põe estrategicamente a serviço de classes excluídas, dentre elas as mulheres, na busca

⁷ Informe repassado pela arte educadora Lara Barcelos em 13/04/2022.

por igualdade entre os gêneros, já que este foi criado e justificado pelas diferenças biológicas dos corpos.

A palavra empoderamento “[...]é inglesa, com elementos de latim em sua formação, e que não existe ainda correspondência nos dicionários que usamos atualmente” (BERTH, 2019, p. 30). Mas, em qualquer instância, para que nós mulheres possamos ter tantos acessos quanto os homens a uma vida com direitos, igualdade e representatividade, sem estarmos a todo o tempo amedrontadas com as violências a que somos expostas, é preciso que tanto o empoderamento, quanto o feminismo, sejam pautados e vividos em sua versão tanto subjetiva quanto coletiva e política.

Berth (2019) compreende a palavra empoderamento, grosso modo, como: “dar poder” apresentando apontamentos acerca da forma como o poder é distribuído na nossa sociedade. Junto às contribuições de Hannah Arendt e Michael Foucault, a autora discorre sobre essa noção para que possamos vislumbrar as distorções no entendimento da palavra conforme o meio social no qual ela encontra-se inserida permitindo-nos refletir sobre os diferentes meandros de politização do conceito, seja numa perspectiva neoliberal ou mais aliada aos movimentos que pautam a exclusão própria ao sistema capitalista e patriarcal.

Berth (2019) cita ainda a influência da consciência crítica⁸ de Paulo Freire para a criação da Teoria do Empoderamento e as contribuições de Rute Baquero, Barbara Bryant Solomon, Perkins, Zimmerman, Batliwala, Anne-Emmanuèle Calvès e Nelly Stromquist para as ideias do empoderamento, afirmando que:

O empoderamento como teoria está estritamente ligado ao trabalho social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão, e visa principalmente a libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual (BERTH, 2019, p. 30).

Tendo como base o percurso empreendido por Berth (2019) podemos depreender que o sistema de opressão, que estruturalmente inclui o machismo, o racismo e a repressão da sexualidade feminina e que atravessam os corpos nos leva a compreender que o feminismo é muito mais como “[...] um movimento de resposta interna ao estímulo externo do que o contrário” (BERTH, 2019, p. 24).

Para Tiburi (2018): “Mulher” é uma expressão básica, um signo de luta. Raça e classe social, desde o início do feminismo interseccional, são questões que vem

⁸ “É a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica” (FREIRE, 1986, p. 105-106 apud BERTH, 2019, p. 38)

contribuindo com o avanço das práticas feministas historicamente ligadas ao gênero e sexualidade” (TIBURI, 2018, p. 45). Caminhos esses que parecem diminuir a distância frente à obtenção de poder, ou seja, empoderamento das mulheres.

1.2 O feminismo, o corpo das mulheres e seus atravessamentos

Tomemos então que o empoderamento tem como foco o sujeito a partir do recorte de classe, gênero e raça e que isso inclui, sobretudo seus corpos – possibilidades de ação e circulação de libido e afeto – e que esse corpo possui memórias. As opressões, proibições e violências nos atravessam e podem vir a tornarem-se marcas a nível mental, emocional e físico. Costa (2018) destaca que:

A liberdade e autonomia do corpo da mulher é atravessada, dentro da luta feminista, em relação ao corpo que carrega, o sentido integral de ser mulher, que se articula com a luta por igualdade, na transformação do cotidiano, do trabalho e de melhores condições de vida. O corpo não se separa da mente e, nesse sentido, nossa reivindicação de que o corpo nos pertence questiona as formas pelas quais o sistema capitalista interfere e molda os comportamentos, colonizando pensamentos e desejos. (COSTA, 2018, p.3)

Para contestar a estrutura sistêmica do patriarcado, o feminismo surge e cresce no sentido de construirmos uma sociedade mais igualitária, socioeconômica e politicamente. “O objetivo fundamental do feminismo é acabar com o patriarcado como forma de organização política” (GARCIA, 2018, p. 15)⁹. De modo que a ideia central do feminismo contribui conseqüentemente para o não “engessamento” dos corpos, ou seja, para deixarmos de ser corpos inflexíveis e sermos capazes de reconhecer as constantes manipulações que acontecem com intuito de que não reconheçamos nossa diferença e que nos mantenhamos sob o registro hegemônico.

Tal registro hegemônico constitui um certo horizonte de idealidade que induz a vivências focadas na construção de corpos perfeitos, simétricos, performáticos (e por vezes inalcançáveis), na busca por aprovação social e inclusão por meio da busca por corpos ideais e estabelecidos como padrão: magreza, agilidade, etc. Tal busca, que se assenta em dispositivos de controle e alienação, acaba por constituir uma sociedade excludente da diferença. Ou seja, é indesejável para tal funcionamento social, que as mulheres se conheçam, se toquem, se gostem, vivenciem momentos felizes e satisfeitas

⁹ Disponível em: <https://pt.scribd.com/read/405772461/Breve-Historia-do-feminismo>. Acesso em: 17 de jun. 2022.

com seus corpos. Tanto individualmente, como coletivamente, assim como a partilha e troca de saberes entre elas, é vista como exilada desse horizonte de racionalidade.

A exemplo, na década de 1960 e 1970, o feminismo radical se inicia com a indagação por parte das mulheres sobre questões estruturais da ordem de gênero e da sexualidade. Para Garcia (2018), a esse gesto de indagação realizado pelo movimento feministas nas décadas de 60 e 70 “[...] corresponde o mérito de terem revolucionado a teoria política ao analisar as relações de poder que estruturam a família e a sexualidade e sintetizam esta ideia no *slogan*: “*O pessoal é político*”” (GARCIA, 2018, p. 100). O que faz com que seja necessária a compreensão de que empoderamento pessoal e coletivo devem ser operados como “faces de uma mesma moeda” uma vez que, na política, incidem diretamente questões nucleares que envolvem a formação da família tradicional e conseqüentemente prescrições de como as questões de sexualidade devem ser abordadas dentro dessa estrutura. O que temos é, portanto, uma grande cadeia que se retroalimenta, se nas famílias temos homens líderes, na política não será diferente, já que o patriarcado valoriza excessivamente a figura masculina, legitimando novamente o poder dos homens e para os homens. Tal como salienta Tiburi:

Naquele momento, a injustiça profissional, em que as trabalhadoras se encontravam pelo simples fato de serem mulheres, era notável. Negava-se a elas a equiparação de tempo e a remuneração pelo trabalho pelo enlace vil entre cultura e instituição, que garantem a ordem masculina de privilégios. O machismo ali mostrou todo o seu cinismo. Não poderia mostrar outra coisa, afinal, talvez essa seja a sua principal dimensão (TIBURI, 2018, p. 19).

De acordo com um levantamento realizado pelo jornal Folha de São Paulo no Brasil, as mulheres representam apenas 15% da Câmara dos Deputados, sendo que no Senado, este número é ainda menor – 11, 58% dos senadores eleitos em 2018 são do sexo feminino. Ainda segundo esse levantamento: “Em 2020, foram eleitas 898 vereadoras, o que corresponde a 16,51% dos assentos, embora as mulheres representem 52,50% do eleitorado brasileiro”. (METRO1, 2022, ONLINE)

As mazelas que o machismo produz como principal operador dos modos de subjetivação faz com que tenhamos cenários em que as próprias mulheres acabem por reproduzir essa estrutura que coloca os homens como medida e parâmetro da existência e relega à mulher o lugar de Outro do Homem como um dia nos alertou Simone de Beauvoir em seu livro “O Segundo Sexo”. Os privilégios dos homens foram criados para eles por eles mesmo. O feminismo busca, por outro lado, a resolução da causa dos problemas de desigualdade de gênero que se reflete em todos os níveis sociais. O que

alerta ainda mais a urgência e importância dos feminismos no campo social para que possamos, a partir da subversão dessa estrutura de opressão construir novos modos de subjetivação que possa operar *na* e *com* a diferença sem oprimi-la ou invisibilizá-la.

CAPÍTULO 2. CORPO, REPRESSÃO E PELVE: TECENDO REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO COMO HORIZONTE PROBLEMATIZADOR DO CORPO QUE DANÇA.

A importância de abordar o empoderamento articulando-o ao movimento feminista se deve ao cenário ainda vigente de desigualdade de direitos para as mulheres e à errônea distribuição de poder estabelecida pela estrutura patriarcal que se caracteriza, tal como abordamos no capítulo anterior, como “uma ideologia dominante em nossa sociedade, que propaga a supervalorização do homem em detrimento da mulher, o que perpetua o comportamento machista e misógino, promovendo a hierarquização dos sexos (PINTO, BRAGA, 2015, p. 57 *apud* FERNANDES, 2020, p. 76.080). Tal como salienta Fernandes (2020):

Antigamente, a mulher era considerada propriedade do pai, e posteriormente do esposo, e não tinha direitos. Ainda hoje vemos resquícios desse passado quando visualizamos a situação da mulher no mercado de trabalho, com baixos salários. A partir dessa construção dos papéis de gênero, podemos refletir sobre as características e funções corriqueiramente associada a homens e mulheres (FERNANDES, 2020, p. 76.079).

Desse modo, se tomarmos como base essa estrutura patriarcal é fácil constatar que ainda vive, mesmo na contemporaneidade, a marginalização dos corpos femininos, que acaba por reverberar em relações amorosas, profissionais, ou seja, tanto na esfera pessoal quanto na social. Ainda vive mulheres dependentes dos homens emocional e financeiramente, com pouca autonomia e baixa autoestima. Lembremos que somente em 1932 as mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto. Tendo como base esse cenário o que se constata é que era negado às mulheres exercer sua liberdade como sujeitas que pertenciam e ocupavam os espaços. A falta de escuta e participação opera como uma espécie de indutor de modos de percepção que leva muitas mulheres a abandonar o sonho de formar as próprias ideais num movimento constante de questionamento das próprias capacidades, deixando-as ser pensadas ao invés de pensar.

A estrutura “patri-capitalista” (capitalista e patriarcal) nos segrega e nos remunera menos, mesmo ocupando os mesmos cargos que os homens, marginalizando, principalmente, as mulheres periféricas no mercado de trabalho, assim como as não cisgênero¹⁰, aumentando a vulnerabilidade, invisibilidade, prostituição, doenças

¹⁰ Cisgênero (Cis) é o termo utilizado para se referir ao **indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença"**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cisgenero/>. Acesso em: 01 de set. 2022.

sexualmente transmissíveis (DST) e gravidezes indesejadas. É um círculo que se fecha e se estreita à medida que fechamos os olhos para o cenário de injustiça e desigualdade de direitos em relação aos homens que nos acontece coletivamente. A partir desse circuito se solidifica a ideia de que: "[...]mulheres devem ser usadas como objetos sexuais, solidificando a ideia de que os homens são melhores que mulheres, sendo assim, dão continuação a inferioridade, subordinação, exploração e desvalorização de gênero" (FERNANDES, 2020, p. 76.081). São, em sua maioria, atribuídas à mulher, dentro da divisão do trabalho, atividades que não sejam braçais, justificadas pela associação do sexo feminino ao sexo frágil, colocando a diferença biológica como aparato para nos enquadrar, limitar, assim como impedir que alcancemos nossos desejos. Entretanto, os avanços sociais não acontecem a ponto de impactar em grande mudança estrutural. Tal como nos lembra Costa (2018):

Não podemos esquecer que a incorporação massiva das mulheres no mercado de trabalho, apesar de garantir um incremento na renda familiar (ou representar a única fonte de renda da família) e retirar a mulher do isolamento doméstico, não proporcionou uma autonomia do sujeito feminino ou qualquer divisão sexual do trabalho. Na verdade, isso acarretou uma sobrecarga de trabalho (a jornada dupla), aumentando as responsabilidades, na dificuldade de acompanhamento e cuidado dos filhos, numa maior vulnerabilidade ao assédio e a violência sexual (COSTA, 2018, p. 6).

Como consequência desse cenário de inferiorização, desvalorização e violência, a realidade que atravessa os corpos femininos faz deles mais expostos e submetidos à falta de liberdade no deslocamento físico - nos grandes centros urbanos até os pequenos meios rurais -, aliada à impossibilidade da livre escolha de vestimentas sem o risco de se tornar foco de olhares ou ações agressoras por meio da presença opressora dos homens. Tal fato pode vir a resultar em corpos enrijecidos, inibidos, amedrontados e com liberdade de expressão comprometida.

Mulheres são reprimidas, oprimidas e julgadas pela exposição de seus corpos desde as situações mais simples, como se sentar com as pernas abertas, até a realização de movimentos em danças como o *Twerk* e o *Funk*. Essa microfísica do poder que se revela na medida em que temos essas danças consideradas, em sua estética, como expressão vulgar. Na figura abaixo, presente no site *Mefics Blog* podemos notar, pela ilustração, de forma muito exemplificada, o papel atribuído ao gênero feminino. A charge denuncia o desrespeito ao exercício da maternidade por meio de uma ação repressiva a algo – amamentar – que é, não somente natural, como necessário para a manutenção da vida humana.



Artista ilustrador: David Horsey – 2012

Disponível em: <https://mefics.org/pt/21-ilustra%C3%A7%C3%B5es-brilhantes-que-exp%C3%B5em-os-duplos-padr%C3%B5es-na-nossa-sociedade/>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

Na charge de David Horsey, podemos facilmente constatar a face cínica do machismo que Tiburi (2018) destaca em seu livro “Feminismos em Comum”, ao se debruçar sobre a questão da mulher no cenário trabalhista. O que se constata, tendo como base essa charge, é que essa face cínica incide também em outros campos das relações sociais e que envolve, principalmente, o controle dos corpos femininos.

Essa face cínica do machismo, que incide sobre o controle dos corpos femininos, se apresenta de forma contundente nessa charge que expõe a seguinte fala dos dois seguranças: “Nursing?! This is a shopping mall! We can’t allow women to brazenly display their breasts!!”¹¹. A ação cínica se apresenta de forma incontestada na charge na medida em que é possível visualizar um grande cartaz, no mesmo shopping, que nega à mulher o direito de amamentar em decorrência da exposição do seu seio, em que se vê em letras garrafais a palavra *sale*, que em português significa *promoção*, com os seios de uma mulher em exposição numa estética padrão construída pelo sistema machista voltada para a objetificação do corpo feminino.

As mulheres, nesse contexto em que seus corpos são objetificados em posições vantajosas para os olhares masculinos e podendo ser expostos socialmente apenas em situações favoráveis à essa estrutura machista e capitalista, acabam por ficarem limitadas

¹¹ “Amamentando? Isso é um Shopping! Nós não podemos permitir que mulheres mostrem seus peitos descaradamente dessa forma” (tradução nossa).

no exercício da sua liberdade de ir e vir com riscos à nossa saúde física e mental. O cartaz acima demonstra a contribuição para a manutenção do padrão corporal patriarcal e revela a venda de produtos variados referentes ao mercado por meio da exposição dos corpos femininos de forma padrão e estereotipada. Cartazes como esses vendem ainda o ideal de como devemos ser para que sejamos felizes conosco e contém mensagens que só seremos bem aceitas nos meios sociais do nosso convívio quando alcançarmos corpos quase impossíveis de serem adquiridos. Tal como sinaliza Simone de Beauvoir (2009):

O ideal da beleza feminina é variável; mas certas exigências permanecem constantes. Entre outras, exige-se que seu corpo ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto, porquanto a mulher se destina a ser possuída. A beleza viril é a adaptação do corpo a funções ativas, é a força, a agilidade, a flexibilidade, a manifestação de uma transcendência a animar uma carne que não deve nunca recair sobre si própria. O ideal feminino só é simétrico em sociedades como as de Esparta, da Itália fascista, da Alemanha nazista, que destinavam a mulher ao Estado e não ao indivíduo, que a consideravam exclusivamente como mãe e não atentavam em absoluto para o erotismo. Mas, quando a mulher é entregue ao homem como um bem, o que ele reclama é que nela a carne esteja presente em sua pura facticidade. Seu corpo não é tomado como a irradiação de uma subjetividade, mas sim como uma coisa empastelada em sua imanência; esse corpo não deve lembrar o resto do mundo, não deve ser promessa de outra coisa senão de si mesmo: precisa deter o desejo (BEAUVOIR, 2009, p. 229-230).

2.1. Uma reflexão sobre a docilização dos corpos femininos e sua reverberação nos processos formativos em dança

Percebe-se que a inferiorização do gênero feminino, assim como objetificação desses corpos, faz com que sejamos rebaixadas à objeto de prazer e tenhamos nossos corpos como alvo de venda e reprodução da indústria pornográfica que serve principalmente aos homens. Podemos começar a pensar sobre a questão da saúde cíclica e sexual de uma adolescente, que, quando menstrua pela primeira vez, é levada a uma médica (o) para ser orientada sobre como lidar com seu próprio corpo, já que, desde a primeira infância é proibida pelos seus responsáveis de conhecer o próprio corpo, tocar, explorar, viver seu corpo, exceto para brincadeiras lúdicas, delicadas e que representem a reprodução do papel de gênero, como cuidar de suas bonecas.

O contato das mulheres com seu órgão genital é menosprezado e evitado ao máximo. Já os homens, não somente tem incentivo à masturbação devido ao diálogo e trato que lhes é oferecido dentro da estrutura machista, como são cobrados e “[...] vigiados

na manutenção de sua masculinidade [...]” (TORRÃO, 2005, p. 139 *apud* FERNANDES, 2020, p. 76.078).¹²

Em seu livro “Pensando o Sexo”, Gayle Rubin destaca que, durante o século XIX:

Para proteger os jovens de uma excitação prematura, os pais amarravam as crianças à noite para evitar que se tocassem; médicos amputavam o clitóris de meninas que se masturbavam. Ainda que as mais horríveis dessas técnicas tenham sido abandonadas, as atitudes que as produziram permanecem (RUBIN, 2018, p. 65).

Tendo como foco esse panorama machista, misógino e segregador, é possível supor que os corpos femininos tenham fortes motivos para não serem empoderados, haja vista toda a rede de controle sobre seus corpos que faz com que a moralidade esteja à frente da possibilidade de explorar o próprio corpo para que a singularidade do próprio prazer seja acessada.

Cabe frisar que usamos a noção de sexualidade nessa pesquisa tendo como base a definição apresentada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que define a sexualidade como:

[...] uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (DE CAMARGO; NETO, 2017, p. 165).

A partir desta definição é possível imaginar que, em um país onde ocorre um estupro a cada dez minutos¹³, segundo dados do jornal Folha de São Paulo de março deste ano de 2022, a sexualidade feminina ainda é objeto de submissão, abuso e controle, o que provoca consequência na saúde física e psíquica das mulheres que acabam, muitas vezes, por reverter a sexualidade em negativo ao longo de sua história.

Como parâmetro social da tentativa diária dos “homens brancos” em diminuir a força e representatividade feminina nas esferas de poder, vimos o exemplo da conquista política ao voto há apenas 90 anos atrás. No Brasil, somente em 1932¹⁴ é que as mulheres

¹² TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **cadernos pagu**, p. 127-152, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/9qWCTLfW8Qvr9bTspS9dSsd/?lang>. Acesso em: 23 de nov. 2022.

¹³ Dados do site UOL de 07 de mar. 2022 da pesquisa realizada pelo Fórum de Segurança Pública na véspera do Dia Internacional das Mulheres deste ano. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/07/brasil-tem-1-estupro-a-cada-10-minutos-e-1-feminicidio-a-cada-7-horas.htm>. Acesso em: 30 mai. 2022.

¹⁴ Informação retirada do site Politize, que é uma organização da sociedade civil que trabalha para que mais pessoas tenham acesso à política e consequentemente mais consciência nas tomadas de decisão neste cenário que impacta a vida de todos e todas. Disponível em: <https://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>. Acesso em: 28 de maio. 2022.

obtiveram o direito ao voto, e mesmo assim através das lutas sufragistas feministas o que nos leva a concluir que é sempre por meio da luta feminista que às mulheres veem conquistando e avançando na luta pelo direito de existir com dignidade e igualdade. Tiburi (2018) destaca que foi por meio do feminismo, mesmo quando não se usava esse nome para designá-lo, “que as mulheres se emanciparam, que elas deixaram de ser coisas – objetos úteis ou carne de procriação e abate – e se tornaram pessoas com cidadania política” (TIBURI, 2018, p. 76).

A desorientação e opressão da sexualidade feminina acaba por segregar o autoconhecimento, mantém a reprodução do padrão e a desigualdade de poder por não desenvolverem a capacidade de reconhecerem formas saudáveis de existir no mundo, ou seja, com respeito, direitos, liberdade, autonomia e segurança.

A indústria pornográfica reforça o padrão violento em relação ao corpo da mulher e contribui para a percepção de um corpo objetificado. Esse corpo feminino tomado, reduzido à condição de uma espécie de objeto fetiche para satisfação acarreta uma limitação da percepção do corpo feminino em suas possibilidades de movimento. Muitos desses movimentos, que se colocam como possibilidades de experimentação da mulher de seu corpo e sexualidade acabam por serem estigmatizados ganhando muitas vezes a conotação de movimento vulgar. Por muito tempo, ficou restrito às mulheres que escolhiam determinados comportamentos liberais em relação ao posicionamento social político e/ou sexual que lhe eram atribuídos, o título de putas.

A separação de comportamentos permitidos ou não às mulheres, aliada à docilização de seus corpos, acabam por hipervalorizar determinada estética de movimentos limitando, mesmo na arte, o campo de experimentação de movimentos. Muitas vezes, mesmo na arte e, especialmente na dança, esse controle sobre os corpos femininos, leva a uma estetização desses corpos fortalecendo a ideia de que a dança é para poucas. Como não perceber um ideal de corpo – talhado nesses padrões de feminilidade – que acaba por excluir corpos que se portam de forma dissidente? Como apostar, como salienta Launay, em seu texto “O dom do gesto” em um olhar crítico sobre esses padrões que atravessam e estabelecem um horizonte perceptivo no tocante aos processos formativos em dança em busca da “eficácia de um saber sentir que passa por outros circuitos que aqueles da consciência vigilante do sujeito” (LAUNAY, 2010, p.101). Launay chama a atenção para nossas grades de percepção que ao mesmo tempo que constituem um horizonte de experimentação acabam também por nos limitar dentro dessas grades que correspondem a determinado horizonte de representação do corpo que

dança. Desse modo, medido por meio dessas grades, o corpo não é tomado em sua possibilidade exploratória e subversiva de determinada ordem anátomo-cronológica, mas acaba se conformando a essas engrenagens. Penso que a exploração desse caráter exploratório e subversivo é umas das prioridades do trabalhado das aulas de pelve - onde os sentidos humanos e viscerais são pesquisados junto a singularidade de cada corpo - cabendo ainda a compreensão da necessidade da percepção dessa cadeia de representações sociais que incide sobre o corpo e influencia nosso horizonte dançante, assim como na sexualidade e no empoderamento dos corpos.

As aulas de pelve ocorrem de forma a colocar as mulheres imersas em ambientes que estimulam sequer a autopercepção e a sororidade¹⁵, ou seja, a escuta e o acolhimento de seus corpos e dos corpos de outras mulheres, em toda sua diferença e singularidade. Esse amparo se faz muito necessário, principalmente em meios nos quais a rivalidade e a disputa entre as mulheres são constantemente incentivadas. Lara Barcelos, em entrevista concebida a mim em 13/04/2022, destaca a importância desse exercício de autopercepção e sororidade em suas aulas uma vez que abrem espaço para o cultivo de um olhar atento para questões que por vezes nos passam despercebidas e que pode interessar a essa estrutura patriarcal e capitalista que continuemos não vendo:

Acho que o caminho é esse mesmo, é a gente conversar entre nós, [nos] fortalecer com a famosa fofoca que (sic) desde quando fofoca é ruim, quem disse que é ruim? Se a gente for estudar a história da fofoca, a gente vai descobrir que tem a ver também com uma desarticulação dessas mulheres que trocavam muita ideia, muita informação sobre seus corpos, sobre remédios e rituais e sabedorias né, ancestrais. Como isso passou a virar só fofoca e cuidar da vida dos outros depois? Mas como é um processo de não, fica em casa, não vai ficar de conversinha, né. Então a gente precisa retomar a conversinha [...] (BARCELOS, 2022. Informação verbal).¹⁶

Nessa perspectiva, compartilhar entre nós torna-se uma estratégia para que possamos reivindicar nossos direitos e compreender que não precisamos estar sozinhas nos nossos desafios e nas nossas conquistas. Abre-se o caminho para o entendimento de que podemos conquistar juntas, inclusive quando nos colocamos a refletir criticamente

¹⁵ Tema este que vem sendo usado com mais frequência desde 2017, pode ser definido “[...] enquanto termo e enquanto sentimento, surge e se fortalece da necessidade das mulheres de compartilharem experiências subjetivas, a partir de relações positivas e saudáveis umas com as outras, formando e fomentando alianças pessoais, sociais e políticas, empoderando-se e criando elos importantes para combater e eliminar as diversas formas de opressão perpetuadas ao longo dos séculos pelo patriarcado (BENARDES; MÜLLER; MELO; ORSOMARZO; DE LACERDA; BRANCO; BENDA; MAEDA; NÓBREGA; DUTRA *apud* LEAL, 2020, p. 158; 159).

¹⁶ Informe repassado pela arte educadora Lara Barcelos em 13/04/2022.

sobre as estruturas de poder que ainda vigem nos processos criativos e formativos em dança.

O meu processo como pesquisadora corporal foi extremamente enriquecido e direcionado por mulheres que me apoiaram para que me fosse possível chegar até aqui. O que reforça a ideia de que o empoderamento é coletivo uma vez que, tal como sinaliza Berth (2019):

O empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo. O empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam, conscientemente, dentro de processos de empoderamento (BERTH, 2019, p. 54).

A aposta aqui se alicerça na compreensão de que esses processos de empoderamento coletivo se tornam fundamentais para que nós, mulheres, desfrutemos de uma vida melhor e para que possamos reconhecer a face mais singular dos nossos corpos e da vida que vivemos através dele, aí incluído na dança. E para que isso ocorra é importante que nós mulheres tenhamos acesso ao conhecimento, à informação e à consciência crítica na compreensão desse processo. Nesse viés, o empoderamento, assim como o feminismo, caracteriza a humanização das mulheres em oposição à desumanização implicada nos processos de objetificação das mulheres e de seus corpos viabilizados pela estrutura machista, capitalista e racista que compõe nosso tecido social. O empoderamento vem nos dizer a respeito da liberdade de se posicionar no mundo. Segundo Berth (2019):

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019, p.18).

Sigamos, portanto, a partir de uma reflexão ancorada na prática criativa e formativa de Lara Barcelos, na perspectiva das relações entre dança, empoderamento feminino e feminismo.

CAPÍTULO 3 – POSSÍVEIS RELAÇÕES DO TRABALHO DE LARA BARCELOS COM O EMPODERAMENTO FEMININO E FEMINISMOS.

Apoiados nos conceitos trabalhados no capítulo anterior, teceremos neste momento diálogos e identificações do trabalho de Lara Barcelos com as noções de feminino, feminismo e empoderamento feminino com base na entrevista estruturada concedida a mim pela artista, em 13/04/2022.

Lara Barcelos é artista da cena, professora de dança e pesquisadora do movimento pélvico. É bacharel em dança pela Universidade Federal de Uberlândia (2017), especialista em *Twerking* pelo método *Twerk Fussion* (Sandra Kroes¹⁷, 2018) e pelo método YOW (Yohanna Almagro¹⁸, 2019), fundadora do *Booty Udi*¹⁹ e uma das idealizadoras e produtoras do maior evento de *Twerk* do Brasil, o *Enitwerk*²⁰, desde 2018. Desenvolve, atualmente, aulas e cursos *online* com o seu projeto “Bruxa da Raba”. A articulação das questões de gênero, sexualidade, sexo, raça e divisão do trabalho constituem sua prática docente formativa juntamente com a perspectiva de emancipação do corpo feminino. Sua metodologia tem como foco a autopercepção com vias ao desenvolvimento da consciência corporal na procura por despertar o indivíduo para os acontecimentos que o atravessam subjetiva, coletiva e politicamente. Tal como salienta Launay (2010), essa atenção aos nossos modos de percepção interrogando-nos sobre suas grades pode abrir espaço para novos modos de experienciar o corpo e suas possibilidades dançantes de modo a permitir o desenvolvimento de “certa plasticidade expressiva apta a reagir aos estímulos do contexto intra e extra corporal” (LAUNAY, 2010, p. 101).

Uma forte característica do trabalho de Barcelos é seu alcance junto a mulheres de diferentes realidades sociais, assim como de diversos lugares do Brasil e do mundo. Essa abrangência de seu trabalho instiga abordagens diversas no contexto da sala de aula. Sua metodologia, no que tange a movimentação pélvica, leva em consideração essa inserção social da aluna como forma de aumentar a “superfície de contato” do seu conteúdo com os corpos, a partir do “lugar” em que esses “escutam”. Em entrevista concedida a mim, a artista reafirma a importância do entendimento desse contexto social

¹⁷ Criadora da pedagogia e metodologia *Twerk Fussion*, produtora e organizadora de eventos, criadora da Convenção Internacional de *Twerk*. Para mais referências acessar a rede social da artista e professora: <https://www.instagram.com/sandrakroes/>. Acesso em: 29 de julho. 2022.

¹⁸ Dançarina, coreógrafa e professora de *Twerk*. Para conhecer mais seu trabalho, acessar sua rede social: <https://www.instagram.com/yalmagro/>. Acesso em: 29 de julho. 2022.

¹⁹ Grupo de dança que estuda os movimentos pélvicos na construção cênica, 2016.

²⁰ Link para acesso da rede social do evento: <https://www.instagram.com/enitwerk/> Acesso em: 29 de julho. 2022.

posto esses padrões e inibições cujo trabalho sobre elas pode vir a instaurar laços de convivência e possibilidades de transformação no ambiente do aprendizado.

É a partir da prisão desse corpo, da tortura desse corpo seja física, psicológica, sexual o que for, que mantém a gente preso a determinados, enfim, não é à toa que a gente tem essa criação, né, cristã que distancia a gente desse corpo, dessa pelve, que é onde está o pecado e coisas do tipo e que a gente também tem uma filosofia ocidental que priorizou muito tempo a razão em detrimento da emoção e é o ideal, o idealismo (sic), né, enfim, o campo das ideias como algo sagrado, quase assim né (BARCELOS, 2022. Informação verbal).²¹

Atualmente aliada à teoria feminista marxista interseccional, é importante ressaltar que, durante seu processo formativo e criativo em dança, Barcelos entrou em contato com o feminismo liberal, que a artista pontua como sendo o mais acessível. Entretanto, em sua visão, este viés feminista foi apropriado pela cultura patriarcal e capitalista, fato que contribui para a perpetuação da perspectiva machista de homogeneização do feminino e padronização do corpo das mulheres. Uma das consequências dessa apropriação é a promessa de felicidade, condicionada à submissão a esse ideal de feminilidade, que se daria por meio da aquisição de produtos e processos de transformação corporal cuja promessa é a perfeição física que atende aos moldes projetados para tal. A alienação a essa idealidade, que se dá sob os corpos ao modo de uma microfísica do poder, como alertou Foucault, acarreta maior aprovação social, não obstante quais serão os preços mentais e emocionais a serem pagos.

Calaça (2021) destaca, no que diz respeito às armadilhas do feminismo neoliberal, que:

Na contemporaneidade, em países nos quais, pelo menos no nível de legislação, as mulheres têm vários direitos conquistados, em especial, por mulheres de classes médias e altas, o feminismo liberal tem mantido o discurso de que algumas mulheres possam ocupar as mesmas posições de classe que os homens das classes dominantes, em setores como a política, a religião e nas empresas, o que se torna uma ferramenta importante para criar todo um mercado para mulheres, que cria mercadoria para as mulheres e, ao mesmo tempo, transformam mulheres em mercadoria. Essa é a forma que o feminismo liberal tem apresentado a libertação de algumas mulheres como se fosse de todas. (CALAÇA, 2021, p. 130 *apud* FEITOSA, 2022, p. 29-30)²².

²¹ Informe repassado pela arte educadora Lara Barcelos em 13/04/2022.

²² CALAÇA, Michela. Feminismo camponês popular: contribuições à história do feminismo. **RURIS (Campinas, Online)**, v. 13, n. 1, p. 29-66, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/17016>. Acesso em: 25 de nov. 2022.

Barcelos considera que o corpo feminino é um dos maiores objetos de violência dessa estrutura capitalista e patriarcal abrindo um espaço para o debate sobre toda uma microfísica de poder que se precipita de forma violenta sobre a pelve e sua mobilidade. Esse debate é uma característica marcante em sua ação formativa para além do entendimento físico ou anatômico da movimentação dessa região. A repressão, o julgamento, como também a proibição da exposição desta parte do corpo é tema constante de sua abordagem em sala de aula.

Com tal perspectiva de integralização do corpo, por meio do estímulo ao sentir e pensar sobre corpo, as alunas têm ainda a oportunidade de entrar em processo de autoconhecimento corporal, que reforça a faceta da singularidade dos corpos e vigora as possibilidades de ser um corpo para si, de despertar o próprio corpo e sua inteligência enquanto dança. A busca aqui é a de quebrar a lógica da execução do movimento pelo movimento, sem o entendimento do próprio corpo, dos próprios limites, do próprio tempo. É a busca, como destaca Launay (2010) de, ao invés de ensinar o “movimento” a um “corpo”, ensinar um gesto a uma pessoa. Tal mudança de perspectiva leva a pesquisadora a constatar que: ““Pegar” o gesto de uma outra pessoa é inevitavelmente pegar uma parte essencial do que a acompanha.” (LAUNAY, 2010, p. 100).

Barcelos, conjuntamente a essa ação de ensinar um gesto a uma pessoa, com toda a perspectiva sensível e transformadora que esse ato configura, apresenta, em sua prática formativa, uma preocupação interseccional interpelando-se continuamente sobre o que caracteriza esse público feminino abarcado em seu trabalho. Cabe salientar que esse público feminino inclui, na perspectiva interseccional da artista pessoas não binárias, homens cis afeminados e mulheres trans e travestis (informação verbal).²³ Aqui temos uma visão de gênero e sexualidade que se posiciona de forma crítica ao que comumente vemos no meio da dança ocidental, que valoriza corpos específicos e segrega a partir da reprodução de determinados padrões de beleza.

Diante da busca por um ambiente mais inclusivo, compreendemos que as práticas formativas realizadas por Barcelos se alinham à noção de empoderamento tal como configurada por Berth (2019), posto que essa noção se alicerça na ideia de “dar poder” à diferentes grupos sempre subjugados pela lógica de poder dominante.

Das estratégias utilizadas para a percepção dos corpos e libertação dos julgamentos acerca desse corpo reprimido, Barcelos faz uso de vocabulário específico das

²³ Informe repassado pela arte educadora Lara Barcelos em 13/04/2022.

técnicas e princípios do *Twerk* e também do vocabulário anatômico dos sistemas do corpo humano, do sistema reprodutor feminino e principalmente da cintura pélvica, enfatizando suas articulações, ossatura, rede ligamentar e neural, dando aos/às estudantes a possibilidade de acessarem um conhecimento que não se apresenta nas escolas ou em meios sociais de maneira natural, dinâmica ou permissiva.

Além de ensinar movimentos que caracterizam as danças pélvicas, como o *Twerk* e *funk*, a prática formativa de Barcelos é marcada como uma proposta de transgressão e transformação dos padrões coletivos a partir do reconhecimento das singularidades. Não se importando em desagradar a sociedade patriarcal e o machismo, a artista docente conta, em suas aulas, com uma posição subversiva, sabendo que ela se opõe e infringe determinadas normas e padrões impostos ao corpo e comportamento das mulheres, coadunados a um certo ideal de feminilidade o qual diversas mulheres adotam, muitas vezes, uma postura de servidão voluntária. Tal como assinala Tiburi (2018):

As virtudes cristãs das mulheres, tais como a capacidade de cuidar e a compaixão, a compreensão e a atenção ao outro, bem como a feminilidade na forma de delicadeza, da sensualidade e da paciência, tudo isso serve como texto para ocultar o subtexto do machismo que nos informa “para que serve” uma mulher. E elas servem (TIBURI, 2018, p. 65).

Assim sendo, o trabalho docente impetrado por Barcelos tem como objetivo a liberdade, autonomia e prazer dos corpos das mulheres, o que outorga à sua dança e à sua prática formativa um caráter bastante político. Barcelos, ao se identificar como feminista marxista interseccional, chama nossa atenção para essa vertente de seu trabalho, que engloba um pensamento crítico referente a toda essa microfísica do poder que incide sobre os corpos, no caso em foco aqui, o das mulheres, atentando-se para as relações de poder e opressão aí inseridas. Sobre o feminismo marxista, Vicente e Zimmermann nos indicam que:

[...]o feminismo marxista defende a centralidade do trabalho na explicação de todas as outras categorias comumente utilizadas ao se tratar de relações de opressão. Gênero não pode ser lido autonomamente, sem se pensar em classe, em trabalho. Haja vista que o feminismo marxista afirma que o capitalismo, apesar de não inventar a opressão de gênero, apropriou-se dela a seu favor (VICENTE; ZIMMERMANN, 2020, p. 170).

Vislumbrando a liberdade de expressão, o acesso a uma sexualidade e autonomia sobre seus corpos por parte desses grupos minoritários, Barcelos enfatiza que:

[...]a gente precisa dialogar, ter espaços de confiança para trocar informações íntimas, até para saber o que cada uma está vivenciando, dançar juntas, rebolar

juntas, viver uma sexualidade positiva sem culpa, com vibrador, com informação, com um mínimo de dignidade, que é o que deveria ter para todo mundo, né. Para a gente conseguir ir se despertando assim, dessas questões, porque é muito perverso mesmo (BARCELOS, 2022. Informação verbal).²⁴

O que torna seu trabalho em algo que liberta e que permite a movimentação dessa região ressignificando as possibilidades de movimento desta região fora do horizonte de objetificação que nos submete e que tenta nos situar como aquelas que devem servir a algo ou a alguém.

Entretanto, cabe aqui tecer um contraponto que diz respeito a essa espécie de servidão voluntária que insiste em se fazer presente no horizonte imaginário de muitas mulheres. Como professora de consciência pélvica, tenho percebido em muitos casos, a procura dessas aulas de dança centradas na pelve alimentada pelo anseio de desenvolvimento de uma sensualidade e feminilidade em consonância ao que comumente é imposto pelo sistema patriarcal que explora, negativamente, às ideias feministas liberais para se aproveitarem da falta de conhecimento e aprofundamento dos corpos femininos que se encontram imersos neste sistema. Comportamentos como: a sedução para contribuir na melhoria dos relacionamentos, que normalmente as fazem insatisfeitas; a necessidade de agradar e ser validada pelos outros em função de baixa autoestima; a salvação dos relacionamentos a partir da objetificação sensual de seus corpos; são frequentemente almejados quando ocorre a procura por essas aulas. Tudo isso acaba distanciando as mulheres da liberdade de escolherem uma vida a partir de seus anseios, posto que é necessário, antes de tudo, conhecê-los, colocar-se em trabalho. E colocar-se em trabalho inclui também o momento em que somos recolhidas em redes que acabam por compor nossas grades de percepção de modo a parecer que essas redes são parte de nós. Permaneço em pesquisa e desenvolvimento de didáticas que acolham as dores dessas mulheres e que de maneira coletiva alcance muitas de nós para a construção de uma realidade com direitos, acesso e igualdade.

Nessa lógica, cabe refletirmos, como artistas docentes, como trabalharemos essas grades de percepção que implicam um certo assujeitamento com a finalidade de promover uma espécie de trabalho sobre si que inclua em seu horizonte não a servidão a esses padrões, mas um outro tipo de inteligência que inclua a possibilidade de transformação e invenção. Sobre o exercício desse outro tipo de inteligência, Launay expõe que se trata de uma inteligência que:

²⁴ Informe repassado pela arte educadora Lara Barcelos em 13/04/2022.

[...] se propõe como *expert* do trabalho da sensação e da percepção ligando, sem parar, o gesto ao seu projeto singular. A descoberta desse campo da racionalidade é, ainda necessário lembrar, uma das tarefas das ciências experimentais atuais. As razões dos gestos são para serem exploradas fora da dualidade corpo/espírito, psique/soma. Tentar ligá-las já seria aceitar a sua separação (LAUNAY, 2010, p. 101).

Os trabalhos como artista-professora-pesquisadora de Lara Barcelos coexistem e se retroalimentam chamando a atenção de que trabalhar o corpo que dança é trabalhar o sujeito, seus gestos que configuram um estar em si e no mundo. Entendimento esse que demonstra a coerência da sua característica transgressora e transformadora. Barcelos abre caminhos para que artistas professoras e pesquisadoras como eu possamos tecer um olhar crítico sobre essa estrutura, ousando inventar novas formas de nos percebermos como corporeidades dançantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A microfísica do poder que compõe o sistema machista e capitalista é opressora e se dá de maneira silenciosa e sorrateira, invisibilizando a mulher como sujeito e se apropriando de seu corpo e movimentos definindo modos de subjetivação que fortaleça as engrenagens daqueles que sempre detiveram o poder. O movimento feminista, na busca por equidade de direitos, distribuição igualitária de poder opera, na contemporaneidade, com noções como a de empoderamento feminino que tem como premissa básica “dar poder” às mulheres, possibilitando a igualdade de direitos políticos, econômicos e sociais como um todo.

Esse trabalho buscou refletir sobre as implicações desses questionamentos no âmbito dos processos formativos de dança, posto que essa microfísica do poder incide prioritariamente nos corpos. Para tanto, nos debruçamos sobre o trabalho de Lara Barcelos com o intuito de nos interrogar sobre suas estratégias formativas, posto que se trata de um trabalho que interroga o assujeitamento esperado dos corpos femininos, perscrutando o modo como isso se reflete nos corpos que dançam. A prática formativa funda-se a partir de uma posição questionadora das conformações sociais sobre os corpos das mulheres e sua sexualidade, frisando nas diferentes repressões que operam à maneira como permitimos ou não o nascimento de um movimento, principalmente aqueles que tem a pelve como ponto de emergência e investigação movente.

O trabalho de movimentação pélvica dialoga, no trabalho de Barcelos, com uma proposta interseccional junto para à compreensão política de empoderamento feminino e feminismos contribuindo com o empoderamento das mulheres a partir do despertar de uma inteligência corporal ainda pouco disseminada, experimentada e, portanto, pouco valorizada.

O trabalho de conscientização política e social perpassa as aulas por meio de práticas que chamam atenção por seu caráter crítico e subversivo e que se baseiam na partilha coletiva contribuindo para a percepção do singular que nos toca e que nos move.

APÊNDICE I

Entrevista Lara Barcelos

Pergunta: QUEM É LARA BARCELOS

Resposta: “Meu nome é Lara Barcelos, tenho 28 anos, nasci em 93. Então, desde 97 eu já rebole a minha raba graças ao grupo El Tchã. Eu tenho fotos e lembranças minhas já desde os 3/4 anos interagindo com essas músicas e reverberando as coreográficas, mas principalmente o ritmo do pagode baiano, que é ancestral, e que gera esse tremor essa vibração então vai misturando tudo né, então o primeiro contato do meu corpo com esses ritmos de África em diáspora que já tem toda uma sabedoria do tempo né, de como essa pelve reage, assim. É, mas, enfim, no grupo El Tchã, da indústria cultural mesmo, na mídia, para tudo “conté” lado, então estava sempre em contato com essas músicas, né. E eu lembro assim de participar de coisas de vereador, que aí você sobre no palco e tem um concurso de dança, e a gente descia na boquinha da garrafa e coisas do tipo. Quando eu tinha 6/7 anos, eu gravei um vídeo da música “É o tchã no Havaí”. E aí minha mãe comprou a roupinha de ulaula, a tiarinha, enfim, eu esqueço o nome dessa cultura. Enfim, é Havaina mesmo. E aí, as roupinhas típicas e tudo mais. Aquelas bem que a gente sabe hoje em dia, é super apropriação e tudo mais. Mas foi o auge assim, eu pus a fantasia e gravei a coreografia. Minha mãe enviou para o Sbt, só que não passou. Fiquei muito triste que a Eliana não me convidou para o programa dela [risos]. Enfim, sempre me lembro de dançar Eliana, depois Kelly Key, que a gente vai ficando mais mocinha e coisas do tipo. E aí, tinha o programa do Raul Gil, que tinha muitos calouros, né, de coreografias de dança, crianças, tinham competição de crianças, de grupinhos de dança, solo, essas coisas. E eu assistia muito programa, então eu comecei a ter contato com a indústria pop estadunidense a partir das crianças que iam nesse programa. Porque elas dançam coreografias das Spice Girls, da Britney, Madonna, não sei o que. E aí, eu fiquei louca, que que isso, eu quero esse negócio. E minha mãe tipo, né. Começou a comprar CD para mim que eu não conhecia, para eu ouvir um pouco e tal. E aí, eu gravava no VGS as apresentações dessas crianças, desses calouros. Tinha uma menina que ela tinha 11 anos na época, eu tinha 10, ou era o contrário, eu ia fazer 11, ela tinha 10, enfim. E aí eu a gravava sempre, que ela sempre dançava umas coisas legais. E depois eu aprendia né, assistia à gravação, chegava da escola e ficava a tarde toda ensaiando, né. Aprendendo as

sequencias, e depois eu descobri que era ela tentando copiar as sequencias dos videocliques, quando eu comecei a ter acesso a esses dvd's dessas divas do pop. E aí, desde sétima série, é o que? Uns 13 anos? Ai desde os treze anos eu virei fã da Britney Spears e a partir daí eu comecei a fazer cover na escola, e treinar bailarinos, criança, criança, né? A gente começou a apresentar e eu apresentei da sétima série ao 2º ano, todo mundo na escola me chamava de Lara Spears e tudo mais. E ai beleza! Tive uma pausa nessa vida. Porque as responsabilidades do vestibular e da faculdade. Minha vida, eu comecei a namorar, então eu ia para a escola para o curso técnico, para a academia e dar uma namoradinha no final do dia. Então, eu parei, eu desenhava também desde criança, e nessa época eu parei de desenhar, parei de dançar, fiquei nesse rolê, que que eu vou fazer da minha vida terminando o ensino médio. E aí, o curso de Dança da UFU (Universidade Federal de Uberlândia) tinha acabado de abrir a primeira turma, eu fiquei sabendo meio em cima da hora, mas sabe o coração, né, bate um negócio. Falei vou prestar, e aí foi na faculdade de dança que tudo fez um sentido, assim. E aí eu entendi como essas influências dessas brasilidades, né. Do carnaval, do pagode, da Bahia e da indústria pop, e do funk também depois, né. Como tudo isso influenciou muito, né na minha construção, da minha personalidade e da minha corporeidade, assim né. Ah, principalmente a Britney que foi um período da adolescência, que é um período que a gente se inspira demais, busca um ideal e a indústria capitalista muito selvagem, né. Muito incisiva assim com público adolescente, né. Então, a Britney até hoje assim eu tenho uns trejeitos, umas coisas, por eu ser fã, por eu fazer cover, e também por eu querer aquela pessoa, né. Eles geram aquele fetiche, aquela admiração, então até na construção mesmo do que que eu achava que era ser mulher e tudo mais. Daria para aprofundar, inclusive eu aprofundo sobre isso no meu TCC, chama Corpo Diva, que é todo o meu processo assim de entender o meu feminismo as minhas questões enquanto uma mulher cis padrão, é através do que que essa indústria fez comigo assim, que faz com nós mulheres, enfim, maior pira. Aí eu desenrolo isso na graduação, e durante a graduação eu conheço o *Twerk* e foi muita coisa assim, né. E de repente vem esse resgate da infância, do tchã e tudo mais. E aí eu acredito que agora a gente já entra nas outras perguntas assim, porque já no começo da vida adulta, e já na metade da graduação ter acesso a essa cultura a essa movimentação pélvica já corruptada de um jeito tão ocidental mesmo, né, tão já assim esse sensual da mídia e tudo, dessa mulher fatal que já vinha nos meus processos desde a adolescência. Então, eu fui entendendo essa pelve e os atravessamentos dessa pelve. E aí, nossa Camila. Foi uma descoberta potente.

P.: Você percebe uma relação entre sua prática de dança e a perspectiva feminista?

Se sim, qual é essa relação?

R: A primeira vez que eu vi sobre feminismo, que eu tive contato com tudo isso também foi na graduação, então eu entro, né, vinda de um relacionamento de adolescência, heteronormativo com um cara branco, católico, de família de cidade pequena, família de Ituiutaba. E aí eu já estava a três anos com esse “boy”, aí eu entro na graduação, começo a ter contato com essas questões, e mesmo eu tendo sido já rebeldemente livre, né. Porque é por pura resistência e desobediência do sistema mesmo, por eu ter sido uma criança muito curiosa e de ter dançado desde novinha, rebolado desde novinha eu já tinha um contato ali com o que depois eu fui descobrir que era masturbação, que era orgasmo. Mas, eu lembro de eu jogar bola, correr com os meus primos, e aí eu tinha que ir para o banheiro contrair as pernas para sentir um alívio e na minha cabeça era um xixi para dentro, sabe? Eu fazia um xixi para dentro, a sensação era de tipo nossa, fiz um xixi né, só que não saiu nada. E aí, eu já tinha essas relações com meu corpo, então eu já tinha passado por algumas questões de ser na escola a vagabunda, porque eu queria pegar todo mundo. Eu e as minhas amigas queríamos causar - depois eu vou falar disso de quando eu conheço o *Twerk* de como que isso reverbera. Mas, teve um período da minha vida, antes até de me iniciar sexualmente, eu já tinha entendido que eu não era menina de namorar. Porque tudo, todas as características dessas mulheres, faziam parte do que eu era, do que eu gostava, das minhas curiosidades, eu queria estar no meio da turminha dos caras falando sobre sexo, eu queria entender, eu queria falar também, eu queria sentir. E eu era muito participativa nesse sentido, e logo isso já me tornava um objeto, ou uma pessoa que não é levada a sério para se relacionar e tudo mais. Mas beleza, isso passa, e aí eu já no segundo ano mais velha, indo para o terceiro colegial, já conheço esse namorado que eu tive, meu primeiro namorado, e ele que me ajuíza né, que bota juízo na pessoa. Então minha mãe começa a deixar eu sair porque agora eu tenho um namorado e coisas do tipo. Então, na faculdade conhecer o feminismo foi muito, assim, muito importante na época eu tive contato primeiro com o feminismo liberal, que é o mais acessível. E depois eu tive contato com o feminismo radical, fui tentando entender, né, essas questões. E hoje eu me identifico mais pelo feminismo marxista interseccional, mas foi um processo, né. E quando eu conheço o *Twerk*, eu estava voltando para esse lugar de dito como lascivo, dito não como um lugar bom para as mulheres estarem, então eu saí desse primeiro relacionamento, só que dessa vez adulta, né, maior de idade, na graduação. Então eu meti

o louco mesmo e fui me descobrir, né, sexualmente, assim. E aí nesse processo, nesse período, eu conheço o *Twerk*. E aí, foi uma loucura, uma descoberta, uma aventura, uma descoberta sexual para mim mesma. E uma descoberta de felicidade, e aí, parecia que a minha pelve sempre esteve ali, que eu sempre quis fazer isso, assim. Era uma coisa que já me pertencia. E eu me recordar só não da foto de mim dançando o Tchã, mas parece que eu recordava assim a sensação sabe, mesmo 15 anos depois. Uma coisa louca, e aquela ousadia de pouca roupa, e de simular um sexo mesmo, né, um movimento sexual. De começo o que chegava para a gente, primeira coisa que a gente vê obviamente, que fica parecendo que é só isso. Inclusive porque tem essa parte e essa é a única parte que interessa para os homens, assim, né. Então é a parte que você mais acha facilmente no YouTube, na mídia em geral, nos vídeos de hip-hop dos estados Unidos e tudo mais, no funk. E aí, a partir dessa perspectiva apelativa, né, eu nesse momento de muita descoberta, de muita liberdade com meu próprio corpo. Eu fiquei assim, sei lá, né, me encontrei ali, fiquei muito empolgada e conforme eu ia treinando eu percebia uma facilidade. Uma facilidade que nem eu tinha consciência, imaginava que era fácil para todo mundo. E aí, já quando eu comecei a compartilhar com as amigas, fazer uns encontros, uns aulões gratuitos, uns treinos abertos com as pessoas, aí eu comecei a realmente perceber que são muitas nuances, né, que as pessoas têm muita trava, muita trava mesmo. E aí, nesse começo, nesse encontro com o *Twerk* eu ainda estava conectada com essa parte da performance, se é que eu posso falar assim com esse termo, não sei. Mas, com a estética da coisa em si e com essa narrativa do “nossa, olha o que que ela faz com a raba, né. Imagina o que ela não faz na casa”. Tinha esse contexto, e aí depois. Fazendo e estudando e sendo atravessa pelo feminismo e depois principalmente por essa questão da apropriação cultural, eu descubro como aquele *Twerk*, aquele movimento pélvico, quando ele já chega para mim, né. Na internet tudo, ele já tinha passado assim por um processo de muita apropriação cultural mesmo. Já tinha sido higienizado, embranquecido e extremamente lucrativo, principalmente para homens europeus, nessa indústria que foi virando o *Twerk* e era completamente excludente, porque você não achava pessoas da própria cultura ali, principalmente informações sobre isso. E aí, eu só fui ter acesso a essas informações sem 2018, então é muito recente assim, antes ficava todo mundo meio na dúvida. Até porque o *Twerk* nos Estados Unidos também passou por esse processo da hiper fetichização e das consequências do machismo e do patriarcado. Então, nos EUA a maioria das prostitutas negras, elas usam o *Twerk* para não necessariamente ter que fazer o programa ou para ganhar mais dinheiro com o strip-tease.

Então, também é uma ferramenta ali, você usa a ferramenta do seu corpo para você não ter que chegar no extremo de transar, né, de fazer o programa. Então tem toda essa pegada assim que depois eu fui tendo contato e que foi modificando o meu olhar para o meu próprio corpo e com a própria dança. E aí eu comecei a me questionar: eu danço por quê? Só por isso? Porque está me trazendo uma liberdade até certo ponto assim, né. Eu não consigo aprofundar em o que parece que tem ali, né! Assim, tinha muita coisa ali que eu não estava conseguindo acessar ali, eu sentia que tinha mais coisa, mas eu ficava muito presa em como que tinham que ser os passos e a essa narrativa, né. Da sedução, assim. De seduzir o outro e tudo mais. E nisso fui dando aula, enfim. Bom, e aí quando eu comecei a ter mais contato com essa história cultural de danças pélvicas, né, que se espalham pela América através das pessoas pretas escravizadas, mas que também são ressignificadas a partir da construção desses países pós colonização. Então, como na Jamaica vai ser de um jeito, no Caribe vai ser de outro, nos EUA de outro, no Brasil de outro. E aí, enfim, como essas danças pélvicas também carregam toda essa violência desse período. É, enfim, e tendo contato com essas realidades e comparando com toda a violência que a minha pelve já sofreu desde a infância e passando por essa primeira fase minha pré-adolescente, adolescente, que por eu ser mais para frente que as pessoas falavam que isso justificava já algumas coisas, seja de professor das em cima de você coisas do tipo. E que na fase adulta você passa, né. Você passa por várias situações ainda mais em contexto universitário assim. Então, aquilo já começou a me fazer cair várias fichas, né, de tipo “há alguma coisa está errada, parece que não é só para mim que tá rolando”, né, parece que estou refém disso daqui. Então, durante esse processo, esse contato com Twerk, eu fui ressignificando meu próprio prazer, questionando de o porquê fazer. E depois, mais para frente eu começo a entender toda a armadilha do feminismo liberal, do se empodere para conquistar o relacionamento dos sonhos, o homem dos sonhos e tudo mais. E sempre com padrão de alguma coisa, né. “A seja sensual, mas não seja agressiva, seja sexy, mas nem tanto, porque se não é vulgar” e já com essas narrativas, já estava em um outro relacionamento que é o meu atual e foi ótimo, assim, que foi em conversas com meu companheiro que já tinha muito mais contato com essas questões políticas, antes de mim assim, e foi muito bom. Foi tendo contato com ele, trocando muita ideia e ele me incentivando e me estimulando sempre, que eu também passei a ter mais criticismo assim pelo meu próprio fazer, pelo meu próprio trabalho. Seja até nessa questão da própria apropriação mesmo, de quem sou eu né, nessa cultura, quem sou eu brasileira não racializada de Minas Gerais, que rebole a bunda, como eu sou vista né, esse corpo

padrão rebolando e a partir disso, de entender o que que eu sou, o que que meu corpo é nessa sociedade. Qual que era meu público e o que que eu quero dialogar com meu trabalho, aí sim, aí eu comecei a aprofundar no que hoje eu trabalho assim, que faz mais sentido para a minha vida, que é o que eu acredito como empoderamento. Que é quando eu passo a usar o Twerk como uma ferramenta de autoconhecimento, de autopercepção de tudo o que foi tirado de nós no patriarcado, que é eu perceber meu próprio impulso erótico, eu perceber minha própria vulva, meu próprio sistema reprodutivo, mas não só. É, compreender o canal vaginal, como ele funciona, o processo de excitação dele. Então, todo esse conhecimento só me passou a ser mais interessante assim, e mais palpável, pela minha experiência de rebolar e como eu fui conseguindo acessar outros estados de presença de vida, assim. De relação, né. Com a minha própria autoestima e mais do que isso, eu comecei a ter contato com muitas mulheres muito mais restritas, limitas, né. Seja a esse movimento, mas principalmente, que geralmente quando o movimento é restrito porque tem muito mais coisa que coisa reprimida para essa pelve estar reprimida, assim. Então quando a pelve começa a ser liberada essa mulher começa a mudar, né. O lado emocional ele muda junto. E quando você vai, começa a estudar, ir mais para alguns métodos de educação somática e você percebe toda a liberação desse líquido sinovial que tem nessa estrutura do acetábulo ali, da bacia e de como a movimentação pélvica ela traz uma sensação de bem-estar, porque toda a fáscia, todo tecido conjuntivo, todas as células ali daquela região vão transmitir informações que liberam hormônios de bem-estar mesmo, de endorfina, de serotonina, enfim. E de como o fluxo sanguíneo, o fluxo de oxigênio nessa região também te deixa com mais presença muscular. Uma musculatura mais ativa, né. Seja da região abdominal, do baixo ventre, seja do assoalho pélvico mesmo. E isso mudou minha relação com meu corpo, com a minha masturbação, da forma como eu transava com as pessoas. Mudou minhas percepções, claro, eu já estava finalizando a graduação, eu já estava passando por um estágio, já tinha passado por muitas aulas assim de muito contato com esse centro energético, esses outros estados de presença, só que não nesse contexto erótico também e desse erótico que não está limitado ao sexo e muito menos a esse sexo que é vendido na nossa sociedade machista, que é o sexo pornô. Desse pornô comercial. Então, foi uma desconstrução, assim, não só da forma como eu dançava e rebolava, mas da forma como eu compreendia minha própria sexualidade, sabe? E como ela passou a ser mais minha do que do outro, e como eu passei a projetar menos essa satisfação seja na opinião, seja no fetiche alheio assim. Então, hoje eu sei o fetiche que tem em cima do meu corpo, eu sei as sensações que eu posso provocar

nas outras pessoas. Eu sei como isso as vezes nessa sociedade escrota pode ser até arriscado, justificaria o estupro para muita gente. Mas, ainda sim eu acesso uma potência, né, de autoconhecimento e de prazer com aquilo que eu estou fazendo que eu não fico mais refém, né. Então acho que isso me trouxe uma liberdade que eu sempre buscava. Foi um atalho assim, foi mais do que isso, hoje é minha pesquisa de vida assim. Então, eu sinto que o movimento pélvico ele é um saber, uma tecnologia africana que esse povo conseguiu manter, mesmo que seja pela violência pela resistência, mas conseguiram manter pelo prazer e pelo sentido que aquilo trás para a vida assim. Até porque em muitas culturas o movimento pélvico é um movimento fundamental para um contato com um transe, né. Com um contato considerado de uma outra dimensão, divino, né, com espíritos superiores, né, que as pessoas falam as vezes de algumas culturas. Sem contar que toda essa saúde né, ela também foi retirada de nós, né. Pensando nesses corpos de mulheres que foi considerado um corpo inferior, um corpo doente, é medicalizado desde sempre. A nossa sexualidade ela foi e é tratada até hoje como doença. O nosso orgasmo era uma histeria né, o nosso ciclo ainda gera muitas informações distorcidas. Muitas mulheres têm transtornos pré-menstruais graves e nem sabem e se sentem, né, super confusas com relação a isso. Então, assim tem muitas questões desse corpo que foi completamente reprimido e culpabilizado por qualquer sensação de prazer, né. Para ser um corpo somente para procriar, que eu depois acessando e passando por esses lugares eu tenho certeza do tanto que esse movimento empoderada, sabe. E te faz ter contato com você mesmo, né.

P: O seu trabalho é prioritariamente voltado para o público feminino? Em caso afirmativo ou negativo, por quê?

R: Sim. Entendo meu público feminino incluindo pessoas não binárias. Homens cis afeminados e mulheres trans, né. É, travestis e enfim. Mas, não gostaria que fosse, né, só. Assim, é uma prioridade o público feminino, justamente por toda essa falta de conhecimento, por todo esse tabu envolvendo a nossa raba que engraçado, né. Está o tempo inteiro passando por violências. Que pode ser um tapa na bunda de um ciclista que passa e te dá um tapa na bunda, até uma violência muito pior assim e não choca as pessoas tanto quando uma mulher rebolando livremente seja na internet seja num palco num festival ou seja aonde for, onde ela quiser e isso me traz muitos questionamentos que por isso faz esse público ser prioridade sim, né. Porque para minha essa desobediência ela é muito importante. Quem falou que eu não posso: Por que falou? Para quem interessa que eu não faça isso? É e, mas os homens sim héteros eles são muito mais doentes em alguns

aspectos, né, nessa pelve do que nós assim, então eu acredito que eles precisam muito urgentemente. Só que para mim ainda eu acho perigoso da forma como eu me coloco de tão vulnerável e tão íntima para minhas alunas ter alunos cis heteros, pelo contexto assim, do tanto que o nosso corpo já está tão, tão, tão objetificado que eu não tenho controle da reação dele, eu não tenho controle do que pode acontecer ali, né. Se eu me sentir violada de alguma forma.

P: Mas chega, esses homens chegam?

R: Não, assim. Já aconteceu assim de procurarem e quando eu estava começando e então na época eu cortei, eu não dava aula para homem de jeito nenhum no começo, mas depois eu fui entendendo que existem lugares, possibilidades e pessoas. Então, hoje eu consigo abrir exceções assim: há vou participar em um evento que tem gente o tempo todo, que é uma instituição, que eu vou ter minimamente ali um controle do que está acontecendo. É, que eu sei que é uma galera que tem, né, um pensamento sobre corpo. Mas assim, assim assada, mas mano é isso. A gente sabe como é que funciona. Eu já me senti assediada em oficina de contato improvisação do teatro, da dança contemporânea. Então, imagina, né, se você sente um relada ali que você fala: uai, isso está estanho está diferente. Imagina em uma aula que essa movimentação toda da pelve e que geralmente os homens não estão acostumados, e nós mulheres também não né, mas eles menos ainda, a verem essa movimentação fora do contexto pornográfico. E aí, essa desconstrução ela é muito lenta e eu não posso assim, é. Me colocar em risco nesse sentido, mas eu tenho alunos cis gays e eu tenho alunas não binaries e duas alunas que são mulheres trans e tem sido uma experiência bem enriquecedora, eu queria muito poder assim né, que todas as corpos e corpos movimentassem a sua pelve e acredito que possa ter sim espaço para esses homens cis além das minhas aulas. Porém investigar e se questionar sobre isso, né. Sem ter que ser só através de mim, assim. Porque realmente o meu foco são as mulheres, né. E essa sexualidade é tão assim caótica, né. Tão complicada, né. Então, eu acho que não resolve todos os problemas, tem que fazer terapia, tem que fazer outras coisas. Mas, você está ali em um contato mais íntimo com você mesma, e de repente o corpo ele vai te proporcionar tanto prazer que você vai ressignificando sua relação com ele e depois com sua raba ai de repente aquele padrão de beleza deixa de ser um pouco menos importante ou sua autoestima por mais que vai e vem, você tem ali mais consciência dos gatilhos, de toda essa carga, né. Da indústria da beleza, dessa imposição. Então você se sente menos inconsciente desses processos assim. Você sai um pouco do automatismo e isso te traz mais autonomia, te traz mais poder de escolha de estar ou não em determinados lugares,

né. E é isso que eu quero para a gente, para nós mulheres, eu quero que a gente tenha mais coragem, mais autonomia e que a gente pense mais em nós mesmo também assim, nesse sentido e quando a gente está rebolando a raba é só isso que a gente está fazendo, pensando em nós mesmas, no prazer que aquilo traz para a gente e num contato mais íntimo com o nosso corpo que sempre foi distanciado, sempre nos foi negado. “Num rebola desse jeito, roupa maior, perna fechada, num grita, fala baixo, não ri alto, então assim, que corpo que é esse que num extravasa, não transborda os seus, as suas potencialidades assim, né. De fala, de articulação intelectual, de expressividade, de sensualidade, e de tudo mais que o ser humano consegue ser e que os homens têm ali uma permissão eterna né para ser o que for e a gente qualquer degrau, né que a gente sobre está passando dos limites, não calma, menos, então, isso para mim é o que me incomoda e me traz desconforto, então eu gosto de trabalhar com aquilo que me traz desconforto para que esse desconforto também chegue em outras pessoas.

P: O movimento pélvico vai funcionar para todo mundo?

R: Já, alunas que terminam relacionamento, alunas que saem das aulas porque o marido fica com medo e falar: não, você não vai fazer essa aula mais não, isso aí está mexendo com a sua cabeça. E isso acontece o tempo todo e aí é o que eu sempre pergunto para as pessoas que fazem aula comigo: O que que você com isso? Qual é o seu objetivo? Eu tenho um formulário que, eu chamo as pessoas que fazer aula comigo que eu chamo de coven, tem esse formulário que meu coven responde, para eu ir percebendo quais são os objetivos. Que se a pessoa falar: olha quero rebolar igual a você, quero dançar super bem eu já percebo que a pessoas está com foco na técnica, num virtuosismo e em algo mais apresentativo (sic). Então isso vai me levar para um lugar e aí se aquela pessoa está querendo se divertir, fazer uma atividade física, ter mais felicidade, né. Um momento de bem-estar de prazer isso me leva para outro lugar, se que as mulheres estão querendo um momento mais intimista de autopercepção de ter um contato maior com a raba porque sempre teve muita vergonha, sempre foi muito travada, não consegue dançar em público, não se aceita, não fica tão bem consigo mesma. Isso me leva para outro lugar. Aí eu fui entendendo qual era meu público maior, qual era meu maior desejo, que tipo de aula me fazia pulsar mais, né. A sentir qual que era aquilo que me interessava mais e fui oscilando, né. Aliás, eu passo por todos esses lugares, eu estudo movimento pélvico de forma técnica e cênica. Eu tenho um grupo que agora a gente está afastado pela pandemia, mas, que a gente já levou uma sequência de movimento pélvico para um festival e ganhamos, e eu tinha um, esse mesmo grupo também era um grupo de estudo sobre cultura, racismo,

machismo, para entender a origem dessas danças pélvicas e como elas estão hoje em dia né e o que que isso diz sobre todo esse processo colonizador, então assim, eu acho que tem um espaço da técnica, o espaço da política, do social e também tem o espaço dessa parte mais de cuidado de si do seu corpo. É, do seu emocional, né. Que também me interessa bastante. E aí a partir desses interesses eu vou construindo minha metodologia. Mas eu acho que o seguinte, a partir do desejo da pessoa que está fazendo a aula, é preciso ter uma conversa até para entender assim, que pelve que é essa. Tem umas que vão chegar de todo jeito, né. Nas nossas aulas, assim. E eu falo, se não for uma pelve com uma outra formação, ou com alguma deficiência, ou com alguma coisa do tipo. Toda pelve vai fazer o que eu faço, mas vai levar um tempo diferente do meu. Vai ter uma estética diferente da minha. Afinal de contas, são outros formatos de corpos, de raba, de peso, de tamanho, de volume. De tônus, tem gente que tem uns tônus mais firmes, tem gente que é mais flácida, tem gente que é mais sedentária, tem gente que já é mais ativa, tem gente que é muito encurtada. Tem gente que é flexível, mas é muito fraca, então todos esses conhecimentos do corpo assim, né. Do que que está faltando ali entre aspas né, onde precisa dar uma equilibrada. Isso também me ajuda na hora de dar um retorno, né, para as pessoas.

Não sei se ficou faltando alguma coisa.

P: Você acredita que o trabalho pélvico pode não funcionar no sentido do que você almeja com o seu trabalho?

R: Eu acho que muita mulher ainda vem dessa forma, né. Agora tudo é mexer a raba, né. Acho engraçado porque as pessoas não aguentam o que é diferente. Porque até então, mexer a raba era uma coisa assim, muito da periferia. Muito restrita a corpos marginais e a mulheres pretas que não são importantes para o sistema, então se está tendo gravidez precoce, se não está tendo controle de dst naquela comunidade, se está tendo isso ou aquilo, muita prostituição, cagamos, né, não estamos nem aí, agora, se chegou na classe média, chegou nas mulheres brancas, aí a gente precisa controlar a situação, aí isso aí já está causando problema. A(sic) lá, está vendo por causa de vocês rebolando a bunda é que vocês estão engravidando aí na adolescência. Que está gerando esses distúrbios, essas coisas todas. Como se isso já não existisse, como se essas corpos periféricas já não rebolessem e passassem por todas essas violências desde sempre, inclusive foi por conta desse choque cultural, que os portugueses se sentiram no direito de justificar também os seus estupros, chamando essas corpos de animais, sejam as indígenas por estarem nuas, seja as africanas pelo tamanho das nádegas, e por essa cultura né do movimento pélvico.

Então isso a gente traz infelizmente até hoje, então eu assim, eu sempre falo para as pessoas que eu nunca sei como o movimento vai reverberar no corpo dela. Tem gente que não acessa coisas legais talvez no começo, né. Tipo, aí eu chorei, não me senti bem, é, enfim, pode acontecer, né, de tudo. E pode ser que alguém faça a aula e realmente não se conecte, ou que aquilo não faça sentido. Talvez correr, nadar, pintar, talvez para ela faça mais sentido para ela se conectar com essas questões que eu me conecto quando eu rebolo, entender? Para ela vai atingir um estado orgástico e empoderador, sei lá., fazendo o croque dela, fazendo vôlei. E enfim, ou um outro tipo de dança, né. Eu acho que a pesquisa do corpo, a pesquisa, né, de mim assim, desse desejo, né, ela é muito vasta. Só que é importante entender, que assim como a gente entende mais ou menos o que acontece com o nosso cérebro, com a nossas musculaturas, com o nosso intestino. É importante saber o que acontece com a nossa pelve, e é importante sabe que ela sem movimentação causa muito dano. E que a nossa sexualidade precisa ser debatida, a gente precisa conversar sobre sexo, a gente precisa conversar sobre essa falta de informação e sobre como essas corpos são fetichizadas né, através desse movimento pélvico que está para algo muito além disso, como qualquer coisa que seja da nossa existência, está para muito além do que o homem disse que tem que ser, do que alguém disse que é assim.

P: Esse homem branco, né?

R: É esse homem branco, capitalista. Sim, que se apropria da cultura negra, se apropria da cultura árabe, se apropria da cultura indiana, mindfulness, do yoga, do tantra. Vai se apropriando de tudo para vender, vender cura, vender autoestima, vender autoajuda, vender mais relacionamentos, vender milagres assim. E aí a gente precisa entender que são processos e que eu acesso com o meu movimento pélvico, não tem nada a ver com a mina que dança brega funk com a mina da periferia do recife, e que para ela essa pelve diz muitas outras coisas que eu nunca vou saber, e que a minha nunca vai dizer, né. E eu acho que o importante é tentar buscar essa sensação de liberdade, de poder falar: nossa, eu não fiz ou eu fiz. Porque eu escolhi fazer ou não fazer, e não porque eu não sei nem que essa escolha existe, né. Se eu não sei que essa pelve existe, para além desse contexto de reprodução e de satisfação de uma pequena parcela da população, para que que ela serve, então? Se eu não sei do prazer que eu sinto, como que eu vou gostar de sentir prazer na vida se eu acesso isso tão pouco? Então, quanto mais liberdade, autonomia e prazer a gente acessar, mais a gente vai querer ter isso e não querer abrir mão disso. E isso gera movimento, né. Isso gera menos apatia, menos mecanização, né, dos corpos assim.

P: Quando surgem questionamentos relacionados à questão de gênero na sala de aula, como você costuma se posicionar? Você conversa com suas alunas a respeito dessa questão? Como isso é abordado em suas práticas?

R: Eu sempre falo para as pessoas que fazem aula comigo, que eu falo no feminino por uma questão de uma maioria de público feminino independente se é um feminino cis ou trans, mas eu tenho uma maioria de público feminino, e que as pessoas que não se enquadram nesse feminino, que elas entendam aquele lugar ali, né, mas sempre que dá eu uso também pronomes neutros, ou me refiro diretamente com a pessoas, quando tem nomes e tudo mais. Mas, é e sim eu vou dar uma prioridade para falar de vulva de vagina, e de útero, porque é o que eu tenho e é a relação que eu tenho com esse corpo, mas eu tento sempre não fazer isso, fazendo esse recorte de uma mulher cis e fazendo esse recorte que nem toda mulher tem esse corpo. Porque eu acho que já está até ultrapassada essa discussão e tals. E, acho que é até por eu não depilar meus pelos, porque eu ser muito aberta com as minhas ideologias políticas, com os meus posicionamentos sim sobre esse sistema, eu nunca tive muito problema, muita resistência com o público, que já é um público que se identifica, né. Já são pessoas que estão nesse movimento, assim. Quando eu dava aula no começo assim, que eu pegava um público mais geral, era um pouco mais trabalhoso assim, porque era proposta de aí eu quero aprender a dançar para dançar na lua de mel para o meu marido, para fazer uma despedida de solteiro, ou para apresentar na minha formatura, então você me ensina o quadrado em cinco aulas. Aí era todo um, eu sofria muito no começo, porque eu não sabia falar não, ficava com medo de não ganhar dinheiro, de não ter o público eu queria né. Então foi um processo mesmo até nesse sentido de amadurecimento do meu trabalho que essas pessoas simplesmente param de me procurar porque você começa já a mostrar, né mais por onde que sua aula vai. Então eu prefiro ter uma turma menor que eu vou saber quem são as pessoas que estão ali assim, do que ter uma turma geral que eu sei que tem pessoas ali com comportamentos que para mim não são aceitáveis, né. Não tem sentido uma pessoa transfóbica ou racista nas minhas aulas, aí para eu evitar esse tipo de situação eu já sou bem aberta sobre meus questionamentos meus pensamentos, para que o público certo venha e esse público ele vem. Tem muita gente parecida comigo, assim, né e que está querendo mais justiça, mais igualdade e mais empoderamento, né para as minorias, para as pessoas minorizadas e que acredita que a dança ne, não só o movimento pélvico, mas que a dança é uma ferramenta poderosa para ressignificar as nossas relações humanas, né, o nosso conceito de sociedade

mesmo, né, de compartilhar momento alegres entre nós, né, de fazer, reproduzir menos violência mesmo.

P: O que você entende por empoderamento? Você enxerga o seu trabalho como um meio para o empoderamento dos corpos femininos? Se sim, como você pensa a questão desse empoderamento a partir do seu trabalho criativo e formativo? Quais as estratégias metodológicas você usa para trabalhar essas questões tanto no processo criativo quanto no processo formativo?

R: Não sei definir assim, eu acho que é uma palavra já muito gasta, mas que bom por pior que seja ela ter sido gasta, que bom que é a palavra empoderamento. Eu sei que tem muita coisa complicada, né, de associar o empoderamento a um padrão de beleza, de comportamento e de ideal que o capitalismo vende. Que é um lugar de privilégio também, né. Que segrega um pouco, porque quem tem condições de comprar o creme x ou a roupa y, o perfume sei lá o que, né, fazer depilação, blá blá blá. E aí, sendo que tem um monte de mulher sem dinheiro nem para comprar absorvente, assim. Então, esse empoderamento ele é muito complexo, e ao mesmo tempo eu acredito que a emancipação do corpo, né, é o maior empoderamento que existe, porque é a partir dele que a violência se dá. É a partir da prisão desse corpo, da tortura desse corpo seja física, psicológica, sexual o que for, que mantem a gente, né, preso a determinados, enfim, não é à toa que a gente tem essa criação, né, cristã que distancia a gente desse corpo, dessa pelve, que é onde está o pecado e coisas do tipo e que a gente também tem uma filosofia ocidental que priorizou muito tempo a razão em detrimento da emoção e é o ideal o idealismo, né, enfim, o campo das ideias como algo sagrado, quase assim né. Então, para mim o empoderamento ele é um resgate também desse saber que é pelo corpo, que é atravessado pelo corpo e que o corpo é o maior objeto de violência da nossa estrutura, do nosso sistema e que ele é o primeiro passo para a gente começar a ter um pouquinho de autonomia, porém essa autonomia não fica restrita a só você para ser empoderamento, então a partir do momento que eu gero um pouquinho de autonomia para minhas alunas, as minhas alunas geram um pouquinho de autonomia para elas próprias que vai reverberar em outras questões da vida delas e que isso tem uma remuneração, que isso tem no sentido assim, tem um mercado, tem um dinheiro rolando que ele tem um além dele tipo assim, ser troca de mulheres, além de ser um serviço que foge um pouco dessa lógica de indústrias grandes e tudo mais, né. Ao invés de eu ir lá fazer uma Smart Fit e deixar aquela academia mais rica ainda tentando ser gostosa eu faço a aula da Lara, me sinto super gostosa comigo mesma, o dinheiro vai

para ela e eu ainda me sinto melhor até, e até deixa de gastar dinheiro com outras coisas que as vezes em uma academia você fica mais vulnerável né, para essas coisas acontecerem, assim. Muito louco pensar nisso e isso gera vários movimentos eu para mim são empoderadores, assim. Não só esse lance da grana, mas esse lance do individual enquanto força assim, porque se eu to melhor comigo mesma, se eu estou mais consciente das coisas que me atravessam, é mais fácil de eu conscientizar outras pessoas, é mais fácil de eu fazer essa informação circular, se eu tenho mais resistência com essa ideia, eu já crio um ranço, eu já coloco uma moral ali que já me distancia dela. Então, enfim, eu acho que pensar em corpos que tem que obedecer a um padrão de como que geme, de como que faz sexo, de como que dança, de como que não dança, já está tudo tão roteirizado, né, tão definido, que eu acho que só de borrar um pouco isso, para mim já é uma puta empoderamento. Não é um empoderamento assim, radical, né, o prazer que eu acesso e a autoestima que eu consigo nutrir fazendo o meu trabalho, o que eu gosto, tendo uma vida que faz sentido para mim, não libera, não tira outra mana de uma vida sofrida, de um sofrimento necessariamente, eu não tenho o poder para isso. Mas eu acho que eu consigo conscientizar a mim mesma e a outras manas a buscarem direitos para essas pessoas que não conseguem, né. Acessar isso que eu estou acessando, e tentar criar uma rede nesse sentido, e isso já rola super na favela, na perifa, sabe? As mulheres lá são muito bem articuladas, elas estão ligadas do que está acontecendo. Eu acho muito complicado quando as pessoas subjugam: “ah lá, marionete do sistema, pedaço de carne, está de colocando como um pedaço de carne, coitada, né, está se vendendo”. E na verdade não, você vai conversar com essas mulheres elas já estão se impondo na cabeça tem tempo, elas já estão falando do que elas querem. Elas já estão entendendo ali algumas coisas que para mim assim, perto de tudo que a gente já vivencia, são muito relevantes, né. Pensar que o clitóris feminino na sua composição toda completa foi descoberto em 2005 e que até hoje tem gente, tem candidato achando que abordar aborto é pauta moral insolúvel e desnecessária par ao Brasil e que, ou seja, “ah, isso nunca vai ser aprovado, então para que que a gente vai falar disso”. Então sim, são avanços muito pequenos que para mim assim, qualquer movimento que a gente faça de desobediência, de liberdade, de ir contra a o que essa galera já disse que era o que a gente tinha que fazer, para mim já empodera sim, de uma certa forma sim.

P: Você considera que há alguma urgência no processo de transformação, no quesito social, da forma como as pessoas tratam e lidam com o seu próprio corpo e com o corpo do (a) outro (a)? Se sim, como a sua dança contribui para essa transformação?

R: Nossa, é muito louco assim, o tanto que é urgente, porque as pessoas estão um pouco chocadas porque a agora é moda e tudo. Mas, ao mesmo tempo, que bom assim que as pessoas estão falando disso, estão querendo fazer isso. E se está incomodando é porque está funcionando, assim. Desde coisas básicas: “não me sinto confiante no sexo, ou, sinto muita cãimbra não consigo ter prazer porque me sinto muito limitada, meus movimentos pélvicos são muito travados” desde a questões de “eu nunca me olhado no espelho, agora me olho no espelho, me gravo dançando e eu gosto do que eu vejo, não é todo dia que eu gosto, não é sempre que eu gosto, mas agora tem dias que eu gosto que ante seu só sabia me odiar”, e é isso né o medo a culpa e o ódio estão aí paralisar a gente e quando mais alegria e potência orgástica, quando mais prazer a gente sentir no nosso corpo, mais importância a gente vai dar e perceber que ele foi, ele é feito para isso. A gente tem todas as percepções que a gente tem, todos os sentidos que a gente tem, toda a parte neuronal de como o nosso corpo se comunica é para a gente ter prazer na vida assim, né. Para a gente se defender obviamente, para a gente ter adrenalina a hora que precisar. Para as nossas questões, é um gozo da existência, e a gente está falando de uma sociedade extremamente violenta, então para mim a pessoa que ela consegue priorizar um momento da vida dela para dançar e para liberar, para dissolver esses sintomas, é, essas neuroses, né. Essa sexualidade reprimida, a gente já ganha muito assim. Imagina duas vezes na semana, toda semana, aquela pessoa tirar aquele momento ali, ela vai mudando e não vai nem percebendo, Minhas alunas depois de seis meses assim tem uma outra relação com elas mesmas, eu fico de cara e elas ficam assim “Lara o que que a aconteceu né” e olha o tanto que é rápido assim, até, pensando que as vezes né não vai resolver todos os problemas da pessoa, porque aí agora ela vai ter que lidar com outras questões, óbvio, nada está resolvida, a partir do momento que ela já se sente mais a vontade para fazer determinadas coisas com esse corpo, com ela. Ela vai entrar em outras profundidades dessa autorreflexão mesmo. Mas eu acho que a gente está aí para isso, né. Para sempre questionando aquilo que a gente acredita como verdade, né, não sei, posso estar já agora filosofando muito. Mais eu principalmente assim, eu acho urgente, principalmente mesmo, por essa questão de ainda ter essa ideia de santa, de puta, pela repressão mesmo, pelo controle sexual, isso é o que mais me deixa nervosa assim, de ainda ter mulheres se submetendo a ser recatadas, não por ser da personalidade dela, mas porque encheram a

coitada de culpa e ela não consegue nem saber como que ela é, nem se conhece, porque ela nunca se permitiu, nunca pode se permitir ser outra coisa. Então, ali, por mais que seja só um pouquinho, só uma casquinha, só uma célula ali de alguma outra coisa. As vezes a gente consegue, é, perceber que tem muito mais, né, do que nos disseram. E as vezes tem gente que não vai querer lidar com isso, vai ficar com medo, vai fazer aula com outra pessoa. Vai fazer outra coisa, e tem gente que consegue se mergulhar um pouco mais e as vezes é o que, diminuir minha crise de ansiedade Lara, antes eu tinha pelo menos uma crise no mês, nunca mais eu tive crise na vida, para algumas pessoas isso vai acontecer, para outras pessoas nossa Lara comecei a ter orgasmo múltiplo, não sabia que isso era possível, eu saí da aula eu já estou supera citada, então para mim é muito mais fácil hoje em dia ter, passar por essas questões assim. Enfim, não acho que a masturbação, o orgasmo, o movimento pélvico, que a dança como um todo, que nada disso vai resolver todos os nossos problemas, mas eu acho que eles já tiram a gente de uma inercia e já coloca a gente mais em contato com os nossos desejos assim, sabe?

P: E como você aborda essa questão assim, de vou passar um exercício mínimo que certamente vai ativar a questão do prazer da pessoa. Você comunica? Você traz essa questão de: vai acontecer, pode acontecer e está tudo bem?

R: Falo. Teve um colega meu que uma vez participou de uma aula minha, a gente dava aula de pole dance no mesmo Studio e ele ficou para fazer minha aula de Twerking, ele é gay e ele conseguiu acessar um calor na próstata dela que ele nunca tinha tido que ele falou assim: não consigo mais, vou parar porque estou literalmente com o cu pegando fogo e estou com medo do que vai acontecer” E sabia que ele , meu, a gente dava aula junta mas ele também era da faculdade e ele era muito mais “fritinho” que eu assim, ele tem uma facilidade de ir embora, sabe? Então eu falei: “fulano, fica aqui não vai embora, para a aula, né?”. Mas assim, já tive um outro aluno também, gay também que teve ereção, estava muito engraçado, ele começou a ficar com vergonha e começou a fazer aula de costas para mim e eu falei não fulano acontece, está tranquilo. Então assim, claro que as vezes muita coisa foi as pessoas me dizendo que tinha acontecido, que eu fui nossa então acontece, mas é obvio que eu já senti uma excitação fazendo, já senti um “tesãozinho”, mas eu ficava meio sem graça de como abordar no começo, até que uma vez uma mulher fez aula comigo, foi particular eu acho, estávamos só nós duas e ela gemia muito na aula, ela gemia muito. E ela fazia os exercícios e gemia e eu não sabia o que que eu fazia, porque eu era muito nova, mas assim, eu tinha nem um ano que eu estava dando aula, agora tem quase sete né, é muito diferença. Estava dando aula a pouquíssimo tempo e eu

fiquei gente o que que é isso. Hoje em dia eu teria outra condução completamente diferente, eu ia falar para ela gemer mesmo “geme, libera, libera tudo”, a mulher ia ter um orgasmo na aula e estava tudo certo, ia ser uma experiência muito doida se ela se permitisse com a minha condução também e eu ia achar sensacional. Naquela época eu só travei e falei: “É gostoso mesmo”, não sei o que, mas muito sem graça e aí compartilhei com meu companheiro depois, né, do tanto que eu fiquei sem saber o que fazer e tudo e tal e a gente ficou com aquela coisa do tipo: mas nossa, ela nem se controlou, né, porque tipo ela estava na aula né. Mas a gente muda demais, né. E aí, hoje em dia, depois de passar por algumas experiências, ter feedback das alunas, e já estar mais experiente no meu próprio corpo também né, porque você vai estudando cada vez mais, aprofundando sua pesquisa de movimento, de didática, né. Experimentando em si mesmo assim, né, lógico. E aí você vai né, amadurecendo algumas questões, e aí depois ginecologia natural, ginecologia autônoma, sexualidade feminina, que são assuntos recentes, né. E que com a pandemia deu um boom, tchá tchá tchá. Então assim, tudo isso revolucionou a forma como eu lido com isso assim, né. E aí hoje eu tenho essa tranquilidade de conversar inclusive teve uma aluna minha que perguntou se o boy, o namorado dela podia fazer aula e eu falei: claro, pode sim, mas avisa para ele que eu já tive experiências com outros homens e pode acontecer isso, pode acontecer aqui, na aula acontece isso e isso, isso e isso, isso e isso, as mulheres ficam assim, assim, assado.

P: Mas você não proíbe os alunos de entrar nas aulas?

R: Não proíbo, se é uma indicação da aluna, é uma pessoa de confiança dela, se é uma pessoa na minha confiança, que eu conheço. Então assim, os homens eles fazem as aulas, mas eu não abro, não falo venham

P: Você comunica para as outras mulheres que eles estão entrando?

R: Sim, mas assim, eu não tive essa experiência no presencial ainda. Isso é mais no contexto online mesmo. Porque aí elas têm a possibilidade de deixar a câmera desligada. Isso é uma parada muito sensacional de falar assim, o tanto que minha aula mudou também no online. Porque quando as pessoas fazem a aula nas casas delas a aula vira outra. Você não tem mais a preocupação com a roupa que você tem que sair de casa, como a colega está fazendo, se a colega está te olhando, se não vai ficar se comparando, comparando com o corpo da fulana, não tem um espelho gigantesco na sala inteira que você fica super intimidada. Tem mulheres que não aguentam olhar no espelho do próprio quarto, vai ficar num estúdio de dança, né, cheio de espelho, uma professora padrão para caralho, só ali na frente, né. Então eu consegui assim, nossa, para mim foi muito

interessante descobrir esse outro lugar, mais preservado assim, que as alunas se permitem sentir mais, sabe. Seja porque elas bateram uma siririca antes, ou bateu depois da aula, ou então no banho, ou faz a aula pelada, desliga a câmera. Então, é mais confortável, até para homens participarem das turmas, porque também não tira essa liberdade das mulheres que na própria casa, quem tem o privilégio de ter privacidade na própria casa também, né, óbvio. Consegue né, alcançar esses outros lugares mais privados, assim, né, mais íntimos. E eu gosto muito de estimular essa auto intimidade, porque a gente tem muito medo de ficar sozinho, a gente tem muito medo da rejeição, a gente tem muito medo de não ser aceito socialmente, e de intimidade, a gente tem medo de intimidade, a gente não sabe lidar com intimidade, a gente foge, a gente termina relacionamento para não aprofundar mais neles, muitas vezes, enfim. Então, para eu estimular essa, não sei se dá para falar a auto intimidade, mas eu gosto assim, eu falo muito disso com minhas alunas e acho que para a gente ter mais liberdade em sala de aula falar sobre essas questões tranquilamente, né. Tenho uma aluna que ela tem mais de 50 anos, ela tem 57 anos. E ela super fica molhada em sala de aula e ela super compartilha isso comigo. Tanto que isso mudou a vida dela pós menopausa, como depois da menopausa as aulas ajudaram demais ela, ao corpo dela estar melhor assim, que ela se sente mais disposta, mais animada, ela fica lubrificada, ela se sente gostosa, e ela falou que ela está assim no melhor momento da vida dela, né. Ela também é professora de dança do ventre, da aula de tango. Mas ainda assim, né, é surpreende como nosso corpo é capaz e que depois dos 40 a sociedade já mata a gente, assim né. A mulher não serve mais para nada, e na verdade né, é a idade da loba né, estamos aí né, aí que a gente vai viver de verdade, né, as pessoas brincam assim, né. Então é supertranquilo, Camila. Hoje em dia eu já estou, nu, plena com relação a isso. Eu me seguro obviamente, porque eu estou ali como professora, eu estou guiando, eu não consigo mais me permitir tanto.

P: Se não entra em processo, né?

R: É, senão eu esqueço dos alunos e vou embora. E, uuh, vou embora.

P: Nossa, a gente vai mesmo.

R: Mas tem hora que eu falo assim: gente do céu, que delícia, per aí deixa eu ver você um pouco porque eu já estou passando mal.

P: Achei muito legal que você trouxe aí as questões da autoimagem, né. Porque uma das minhas referências é a Joice Berth e ela vai falar desta questão da estética, que é impossível, né, a gente se empodera sem ter essa reconciliação, se é que eu posso falar assim, com a nossa autoestima.

Ah, essa questão da mulher selvagem, né, é eu vi até um post superinteressante seu que você traz a nomenclatura selvagem e isso também ser, esse selvagem, para quem não está em contato por exemplo com esse nosso universo. Ele pode trazer uma conotação tão vazia, assim como a nomenclatura empoderamento, né. Que está sendo usada de milhões de forma, né. Você tem alguma coisa para sobre essa nomenclatura, assim, como você sente ela? A nomenclatura selvagem?

R: Aí nossa, é eu acho que é muito assim, resumindo assim, para mim tem a ver com um processo menos mental. De autojulgamento, porque o que que é esse julgamento, assim. De onde que ele vem? E o selvagem para mim ele tem a ver com esse corpo quando ele desgruda um pouco do ego, o que é muito difícil, né, de acontecer. Mas, para mim é esse acontecimento assim, que de repente você fala assim, nossa, isso não sou assim. Pera, você não sabe quem é você.

P: É esse ir que a gente está falando, né?

R: É, o que que é você? Não, aí você vai né. Mas para mim essa ideia do selvagem tem a ver com a desobediência, mesmo, nesse sentido de não ser tão dócil né. De sei lá, ser subversiva, não ter tanto medo da estrutura toda, como um todo assim, né. Aí dá para ir para vários lugares né, dá para pensar essa selvageria em vários aspectos assim. Até porque tem uma coisa assim, de as vezes o corpo resolver que é muito interessante. Agora, claro, tudo com muito entendendo também esses limites, né. Assim, a onde a minha liberdade interfere já na do outro. Mas, pensando em ousadia, sabe? Eu acho que o selvagem vai contra essa ideia de civilização, de etiqueta, de modos, de norma culta, do erudito, né. Que é um negocinho desse tamanho e que está causando estrago a muito tempo e que se a gente fosse mais selvagem, a gente já teria dado um jeito.

P: Berth, em seu livro Empoderamento (2019), referência as quatros dimensões do empoderamento por Nelly Stromquist: cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente). Pensando sobre isso, você sente que alguma dessas quatro áreas do empoderamento desperta mais suas alunas? E em qual (is) das áreas, na sua perspectiva como professora, as aulas de dança podem contribuir mais?

R: Ué, dependendo da condução, acho que nos quatro lugares. É, porque não deixa de ser um investimento também, no sentido assim, da qualidade de vida que você vai ter, né.

Não sei, talvez o financeiro seja o menos nesse caso, que ainda que seja um investimento, a pessoa gasta para estar ali, mas ainda assim, só de ser um momento que a gente tem esse vínculo, essa comunhão, essa troca, porque não tem como, eu não consigo dar as minhas aulas sem abordar todas essas questões que a gente conversou aqui hoje, sabe? Então quando a aluna chega e fala: “nossa, eu estava com a minha autoestima arrasada e eu estou muito feliz que hoje eu vesti aquela roupa e me senti bem”, e a gente subestima muito o poder disso, sabe? Do mínimo assim de se sentir bem com seu próprio corpo, que é uma coisa que os homens, pouquíssimos vão sentir, né, na mesma intensidade, porque é absurdo, né, o tanto que o nosso corpo chega antes de nós, e a gente é resumida a ele né, então essa autoestima ela precisa ser nutrida não para você ser feliz o tempo todo, para você se amar o tempo todo, porque isso é ridículo, isso não existe. Todos os sentimentos fazer parte da nossa vida. Não estou falando de ficar sorrindo e falando que se acha todo os dias. Mas, eu estou falando de um auto ódio que é estimulado nesse sistema, de uma rejeição do que você vê, de ter que estar sempre passando por uma melhora e é muito louco porque você fica sempre esperando o corpo estar do jeito que você quer para gostar de você, né. E enquanto isso a vida está passando né, e você está deixando de experimentar, de viver através desse corpo possível que é o seu corpo de hoje. E você merece, né, com o corpo que você tem, gozar dele e passar por todas as emoções possíveis através dele, né. Que também não são só emoções, vulgo bem-estar tudo mais. Mas, resumindo que a autoestima, a felicidade, o prazer, não é você estar nesses estados de sensações boas o tempo todo, mas é saber os gatilhos que te colocam nesses estados, e os outros também que não te levam para aquele lugar que geralmente causa ansiedade, sofrimento, insegurança, que são emoções que não fica restrita só a imagem do corpo, porque é isso. É uma auto distorção que ela vai reverberar, para todo o resto, igual no livro da Naomi, O mito da Beleza, que ela fala que uma mulher insegura com o seu próprio corpo ela vai ser insegura para pedir um aumento, ela vai ser insegura para separar de alguém né, que está fazendo mal para ela. Então isso passa pelo corpo antes, né, primeiro você tem que fazer aquela pessoa se odiar para ela ficar muito suscetível a uma domesticação mesmo, né. E não é atoa que ela também afirma que o maior perigo do capitalismo não é nem as mulheres se amarem só, mas é os homens amarem as mulheres como eles se amam. Aí lascou entendeu. Então é o dia que os homens não verem mais a gente como objeto, no dia que a gente se amar mais, muita coisa vai mudar assim, não consegue se manter, né. Mas é muito difícil, então eu acho que a autoestima é um caminho em conexão sempre com esses outros assim, né. Porque isso vai trazer diálogos, trocas de experiências, as

mulheres vão estar conversando sobre sua sexualidade sem ser aquele papinho de: ai amiga, será que eu gemo assim ou assado? Que roupa que eu vou? Será que ele vai me achar isso, será que ele vai me achar aquilo? A gente já tem outros tipos de conversa, as minhas conversas de adolescente era assim, nossa eu não depilei meu mamilo, meu deus, ele não vai chupar meu peito, e aí você fica, né, nessa neura assim. E aí hoje a gente já tem conversas mais profundas, as adolescentes de hoje em dia já estão muito mais empoderadas, assim e eu acho que o corpo é o caminho, a dança, o movimento pélvico e o resgate dessa autonomia.

Você falando nessas relações de poder né, desses homens brancos, o quanto elas têm poder assim de destruir mesmo também, né, assim as vezes você está até nesse caminho, está buscando, mas você está em uma relação que destrói isso. Eu lembro muito perfeitamente o momento em que eu estava estudando tantra e eu cogitei assim, em uma live que eu estava, que eu estava em uma relação abusiva, na qual ele fazia todas essas coisas, e olha assim, super silencioso. Muito psicológica, nada física. E foi um choque assim, de tipo nossa, não acredito, porque eu já era uma mulher que estava pensando várias questões, tipo: nossa. E que bom que eu consegui sair, né. Porque eu já estava a quatro anos nesse relacionamento. E você conseguir sair de uma relação assim, muitas mulheres ainda não conseguem, porque requer uma força de vontade, e as vezes elas vão sair desses relacionamentos e cair em outros com a mesma questão, né. Sem se conhecer ainda, emendar as relações

É total, tentando preencher um vazio, que é um vazio existencial de lá de trás, né. E a gente ainda soma ainda com essa ausência paternal, né, que é muito louco de pensar que as famílias já são matriarcais, se você for pensar. Qual família que tem pai presente, sabe?

Então já é uma sociedade que lida com a ausência desse homem, que não se responsabiliza por nada que é da família e que é da esfera familiar doméstica, porque isso vira função da mulher e tudo isso vai gerando vários traumas, né. E que tem a ver com isso que você falou né, que a gente vai tentando preencher vazios, e tentando chamar a atenção né, muitas vezes desse pai dessa autoridade, que é a autoridade do patriarcado, então assim é uma lavagem cerebral ferrada assim, desde o começo das nossas vidas, então não é tão simples depender emocionalmente, parar de depender emocionalmente de alguém, ainda mais também tem uma dependência financeira e psicológica também. Mas mesmo se for só emocionalmente, quantas mulheres assim incríveis se diminuem para dar conta do homem medíocre que elas estão, porque é aquele medo de há, se eu for mais

seletiva, se eu quiser mais que isso eu não vou achar ninguém e eu não posso ficar sozinha. Então hoje ainda, a nossa maior luta ainda é não ficar sozinha, né. É a gente tem que se diminuir

P: Você não é válida se você estiver sozinha, né. Você não está legitimada na sociedade, né.

R: E é muito injusto porque a gente tem que ficar se diminuindo para ter uma companhia, ou são os homens que terão que melhorar para dar conta assim, da gente assim e rever seus lugares de privilégios? Porque enquanto mulheres incríveis continuarem não só dando moral, mas levantando o ego desses caras que a gente sabe que o masculino é super frágil, diminuindo a si mesmas, eles nunca vão saber o tanto que elas são babacas, que eles não são isso tudo e esse padrão nunca vai mudar, assim. A sociedade vai estar sempre satisfeita com um cara mais ou menos e sempre vai exigir que a mulher seja extraordinária sempre, mesmo sabendo que eles não aguentam essas mulheres extraordinárias, então a gente está sempre se esforçando muito para ser e quando a gente é a gente tem que estar sempre dando uma freadinha para não assustar, né. É muito louco isso, então você foi muito corajosa, seja porque na hora que cai a ficha assim, a gente primeiro se penaliza, né, nossa como eu cheguei nesse nível, como eu me permiti passar por isso, como eu sou trouxe, como eu isso eu aquilo, eu nunca imaginei que eu ia sei lá, e aí a gente fica nisso né, até a gente conseguir se perdoar e falar não pera, olha como eu fui manipulada, né. E aí você precisa entender.

P: E ainda dar conta de olhar que nesse sentido muito particular, que é só aqui que que você consegue fazer uma coisa para não repetir esses padrões.

R: É. Muito boa sorte para nós, assim. Acho que o caminho é esse mesmo, é a gente conversar entre nós, fortalecer com a famosa fofoca que desde quando fofoca é ruim, quem disse que é ruim? Se a gente for estudar a história da fofoca a gente vai descobrir que tem a ver também com uma desarticulação dessas mulheres que trocavam muita ideia muita informação sobre seus corpos, sobre remédios e rituais e sabedorias né, ancestrais. E como isso passou a virar só fofoca e cuidar da vida dos outros depois, mas como é um processo de não, fica em casa, não vai ficar de conversinha, né. Então a gente precisa retomar a conversinha, a gente precisa dialogar, ter espaços de confiança para trocar informações íntimas, até para saber o que cada uma está vivenciando, dançar juntas, rebolar juntas, viver uma sexualidade positiva sem culpa, com vibrador, com informação, com um mínimo de dignidade, que é o que deveria ter para todo mundo, né. Para a gente conseguir ir se despertando assim, dessas questões, porque é muito perverso mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicologia para América Latina**, n. 14, p. 0-0, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012#end1a Acesso em: 28 jun. 2022 às 18:03.

BARCELOS, Lara. Aula teórica - Anatomia do quadril e membros inferiores. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fDurHJEIVOA&list=PLP-01KUAuytR_3qjBeaklp8N2glm2mMKN>. Acesso em: 30 de set. 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BOLSANELLO, Débora. Educação somática: o corpo enquanto experiência. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 89-96, 2005.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.

COSTA, Ana Kerlly Souza da. Hipersexualização frente ao empoderamento: a objetificação do corpo feminino evidenciada. **Anais do Seminário de Gênero e Sexualidade**, 2018.

DE CAMARGO, Shelley Arruda Pinhal; DE SAMPAIO NETO, Luiz Ferraz. Sexualidade e gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165-166, 2017.

FEITOSA, Vitória de Freitas. Análise sobre o feminismo liberal e suas contradições na reprodução das relações patriarcais e capitalistas. 2022. 36f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - **Centro de Ciências Sociais Aplicadas**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48691>. Acesso em: 25 de nov. 2022.

FERNANDES, Nathaly Cristina; DA NATIVIDADE, Carolina dos Santos Jesuino. A naturalização da violência contra a mulher. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 76076-76086, 2020.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. Claridade, 2018. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/read/405772461/Breve-Historia-do-feminismo>>. Acesso em: 14 de jun. 2022.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, v. 5, n. 61, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Plageder, 2009.

LAUNAY, Isabelle. O dom do gesto. Greiner, C. Amorim, C. (Orgs.). **Leituras do corpo**. São Paulo: Annablume, p. 81-103, 2010.

LEAL, Tatiane. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 139-164, 2020.

MENDES, Natália. **Quem somos**. Guararás Grupo de Pesquisas e Projeções Folclóricas. Disponível em: <<https://grupoguararasmg.wixsite.com/grupoguararas/oguarar%C3%A1s>>. Acesso em: 17 de jan. 2022.

NSC TOTAL. **Tudo sobre a Dança dos Famosos**, 20 abril. 2022. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/danca-dos-famosos>>. Acesso em: 03 de fev. 2022.

PINA, Rute; BRANDALISE, Camila. **Brasil tem um estupro a cada 10 minutos e 1 feminicídio a cada 7 horas**, 07 mar. 2022. Universa Uol, SP. <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/07/brasil-tem-1-estupro-a-cada-10-minutos-e-1-feminicidio-a-cada-7-horas.htm>>. Acesso em: 30 de mai. 2022.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

SANTOS, Máira Paiva. “Para entender o empoderamento”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 1, e65241, 2020 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/M5KvPKsnyCkHf5F7rQJ83hN/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 08 mai. 2022.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Editora Record, 2018.

TOSI, Marcela. **Voto feminino: a história do voto das mulheres**, 18 jun. 2016. Politize. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>>. Acesso em: 28 de mai. 2022.

VASCOUTO, Lara. **Matéria: 25 Privilégios que os homens usufruem simplesmente por serem homem**. Nó de Oito. Disponível em: <<https://nodeoito.com/privilegios-homens/>>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

VICENTE, Joselia Aparecida Pires; ZIMMERMANN, Tânia Regina. De Marx ao Feminismo: Uma análise Interseccional de Gênero e Classe nas Relações de Trabalho. *Revista Trilhas da História*, v. 10, n. 19, p. 159-178, 2020.